

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
ANDREW JUMPER

Márcio Willian Chaveiro

OS MANDATOS DA ALIANÇA EM GÊNESIS 1-2 COMO FUNDAMENTO DA  
COSMOVISÃO BÍBLICA

**São Paulo**

**2022**

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
ANDREW JUMPER

Márcio Willian Chaveiro

OS MANDATOS DA ALIANÇA EM GÊNESIS 1-2 COMO FUNDAMENTO DA  
COSMOVISÃO BÍBLICA

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Bíblicos Hermenêuticos. Orientador Professor Dr. Daniel Santos.

**São Paulo**  
**2022**

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C512m Chaveiro, Marcio Willian.  
Os mandatos da aliança em Gênesis 1-2 como fundamento da  
cosmovisão bíblica : [recurso eletrônico] / Marcio Willian Chaveiro.  
164 KB ;  
  
Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade Presbiteriana  
Mackenzie, São Paulo, 2023.  
Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Daniel Santos.  
Referências Bibliográficas: f. 63-65.  
  
1. "aliança". 2. "pacto". 3. "mandatos". 4. "cosmovisão". 5.  
"criação". I. Santos, Daniel, *orientador(a)*. II. Título.

Márcio Willian Chaveiro

OS MANDATOS DA ALIANÇA EM GÊNESIS 1-2 COMO FUNDAMENTO DA  
COSMOVISÃO BÍBLICA

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Bíblicos Hermenêuticos. Orientador Professor Dr. Daniel Santos.

Aprovação 06 / 12 / 2022.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Santos

## Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: **Márcio Willian Chaveiro**

Programa: *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Bíblicos Hermenêuticos

Título do Trabalho: OS MANDATOS DA ALIANÇA EM GÊNESIS 1-2 COMO  
FUNDAMENTO DA COSMOVISÃO BÍBLICA

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades
- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

Àquele que é digno de toda honra e glória, hoje e sempre. À minha esposa pelo apoio e incentivo e ao meu filho amado Mateus por ser um presente de Deus para a nossa vida.

## AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento é para o nosso Deus que na sua infinita graça e misericórdia me deu esta oportunidade de fazer este curso tão importante para meu ministério e para minha vida cristã.

Agradeço também a Igreja Presbiteriana do Brasil através do Supremo Concílio que bondosamente deu bolsa integral para que pastores da minha denominação pudessem fazer este curso nessa renomada instituição.

Expresso minha gratidão a minha esposa Vanessa Paula Faveta Chaveiro e ao meu amado filho Mateus Faveta Chaveiro por me apoiar e sonhar meus sonhos. Sem eles não teria conseguido concluir. Louvo ao Senhor por ter uma família abençoada e abençoante!

Quero também agradecer ao Conselho da Igreja Presbiteriana Conservadora do Jardim Caieira em Limeira, por ter me apoiado e incentivado a fazer o curso, sempre demonstraram uma visão de Reino ao permitir que me ausentasse durante os períodos dos módulos para estudar e pesquisar.

O meu agradecimento ao Dr. Daniel Santos que aceitou me orientar nesse trabalho e com quem tenho aprendido progressivamente a preciosidade da exegese bíblica e da seriedade da pesquisa acadêmica.

Por fim, agradeço a Deus pelos membros da igreja que pastoreio que sempre me apoiaram e oraram por mim. Desejo que todo o meu aprendizado possa servir para edificar a igreja de Cristo. A Ele toda a glória hoje e sempre, amém!

“Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra.”

Gênesis 1.26-28



## RESUMO

A Escritura narra que Deus criou os céus e a terra no princípio do tempo, do espaço e da matéria (Gn 1.1). Logo, toda a realidade foi criada pelo SENHOR para sua glória e para o homem desfrutar de seu habitat dominando-o para desenvolver uma cultura que refletisse o caráter e a beleza do Criador. Esse domínio implica em utilizar os recursos da criação para a glória do Criador. Não somente o homem deveria dominar e desenvolver uma cultura que expressasse o domínio de Elohim, mas sua contraparte deveria em união conjugal desenvolver posteriormente uma família, depois clãs e uma sociedade que refletisse a justiça do Soberano Deus. Adão e Eva foram colocados no Jardim no Éden para representarem o Criador e ter comunhão com Ele. Essa comunhão com Deus teria o seu ápice no último dia da semana, no descanso, quando os dois cultuariam o SENHOR Deus cessando suas atividades diárias que foram realizadas nos outros seis dias. Esses três aspectos relacionais são chamados de mandatos ou ordenanças da aliança. O domínio da terra é o mandato cultural, o relacionamento entre Adão e sua semelhante é o social e o relacionamento com o Criador é o mandato espiritual. Este último mandato norteia os demais: mandato cultural e mandato social. A aliança embora não apareça etimologicamente em Gênesis 1-2 pode ser claramente percebida na maneira pactual no fato que Elohim se relaciona com o homem e com a mulher e as suas ordenanças. Temos nesta narrativa todos os aspectos da aliança: suas partes – Deus e o homem; suas condições – se não comesse da árvore do bem e do mal teriam vida plena; suas penalidades – se comessem da árvore morreriam; suas promessas – se não comessem seriam abençoados com a plenitude da vida. Também encontramos outros elementos do pacto como o nome SENHOR Deus colocado pelo narrador várias vezes no capítulo 2, indicando para seus leitores originais que o Deus que os libertou do Egito é o mesmo que criou todas as coisas e fez uma aliança com Adão. Esse pacto tem uma similaridade com o que era feito pelos hititas onde o Suserano estabelecia as ordenanças do relacionamento pactual com os vassallos. Nesse sentido, Adão e Eva eram os vassallos e o SENHOR Deus o suserano. Esta aliança com seus mandatos são os fundamentos para a construção bíblica de uma cosmovisão cristã. Entendemos que estes mandatos sendo obedecidos pelos crentes fornecerá bases inabaláveis e irremovíveis para o bom desempenho na sociedade e na cultura regidos pelo relacionamento com o Senhor através de Cristo, o Mediador da aliança.

**Palavras-chaves:** Aliança. Pacto. Mandatos. Cosmovisão cristã. Criação. Cultura. Sociedade. SENHOR Deus.

## ABSTRACT

Scripture tells us that God created heavens and earth in the beginning of time, space and matter (Gen. 1:1). Therefore, all reality was created by the LORD for his glory, and man's habitat was created to be enjoyed and mastered. This mastery implies using creation's resources for the Creator's glory. Not only should man dominate and develop a culture that expressed the dominion of Elohim, but his counterpart should, in conjugal union, further develop a family, then clans, and a society that reflects the justice of the Sovereign God. Adam and Eve were placed in the Garden in Eden to represent the Creator and have fellowship with Him. This fellowship with God would peak on the last day of the week, at the time of rest, when the two would worship the LORD God by ceasing their daily activities that were performed in the other six days. These three relational aspects are called covenant mandates or alliance ordinances. The last mandate is spiritual, which is the relationship with the Creator. This one guides the others: cultural mandate and social mandate. The covenant, although it does not appear etymologically in Genesis 1-2, can be clearly seen in the covenantal way that Elohim relates to man and woman and his ordinances. We have in this narrative all aspects of the covenant: Its parts – God and man; Conditions – if you didn't eat from the tree of good and evil, you would have full life; Penalties – if they ate from the tree they would die; Promises – if they didn't eat they would be blessed with the fullness of life. We also find other elements of the covenant such as the name LORD God placed by the narrator several times in chapter 2, indicating to his original readers that the God who delivered them from Egypt is the same God who created all things and made a covenant with Adam. This covenant has a similarity to what was done by the Hittites, where the overlord established the ordinances of covenant relationship with the vassals. In this sense, Adam and Eve were the vassals and the LORD God the suzerain. This alliance with its mandates are the foundations for the biblical construction of a Christian worldview. We understand that these mandates being obeyed by believers will provide unshakable foundations for good performance in society and culture governed by the relationship with the Lord through Christ, the Mediator of the covenant.

**Keywords:** Alliance. Covenant. Mandates. Christian worldview. Creation. Culture. Society. LORD God.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>A NARRATIVA DA CRIAÇÃO E A ALIANÇA</b> .....	14
1.1 O Criador e sua obra prima .....	16
1.2 Os nomes de Deus e a relação com a aliança .....	17
1.3 A narrativa da criação como instrumento de desconstrução de cosmovisão .....	18
1.4 A narrativa da criação e a aliança .....	20
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>OS MANDATOS DA ALIANÇA COMO FUNDAMENTOS DA COSMOVISÃO CRISTÃ</b> .....	30
2.1 Mandato Espiritual .....	33
2.2 Mandato Cultural .....	38
2.3 Mandato Social .....	45
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>A COSMOVISÃO REFORMADA E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS</b> .....	47
3.1 Definição do termo cosmovisão .....	49
3.2 Os fundamentos da cosmovisão contemporânea .....	51
3.3 A cosmovisão bíblica como instrumento de interpretação da realidade .....	56
3.4 Qual deve ser a postura da igreja nesse tempo? .....	58
<b>CONCLUSÃO</b> .....	63
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	66

## INTRODUÇÃO

Vivemos batalhas de visões de mundo diferentes, dentro e fora da igreja. Tem sido discutido nas casas, nas ruas, praças, no shopping, no ambiente de trabalho. O brasileiro nunca falou tanto sobre política e as ideologias de direita ou de esquerda. Discute-se se será implantado a ideologia de gênero, se o feminismo é bíblico ou não entre outras discussões que envolvem visões de mundo diferentes. Estas discussões configuram um grande desafio para a igreja, pois precisa dar respostas as provocações e o cristão está no mundo. No final do século passado Francis Schaeffer nos alertava sobre os desafios do século XXI para a igreja:

A igreja tem futuro em nossa geração? (...) Creio que corre perigo. Está prestes a passar por maus bocados. Enfrentamos pressões presentes e uma manipulação presente e futura que se tornará tão intensa nos dias por vir a ponto de fazer as batalhas dos últimos 40 anos parecerem brincadeira de criança.<sup>1</sup>

O século XXI colhe os frutos de uma revolução na moral plantada no século passado. Vivemos uma revolução sexual, onde padrões morais foram modificados e a nossa fé é atacada por estes novos conceitos.<sup>2</sup> Como dizia Raul Seixas em sua música metamorfose ambulante onde expressa que prefere ser uma metamorfose ambulante do que ter a velha opinião formada sobre tudo. É um mundo em transformação moral, social e cultural.

Existem quatro colunas principais que fundamenta todo o pensamento pós-moderno e estes foram estruturados por quatro pensadores completamente anticristãos: Karl Marx como socialismo comunista; Nietzsche que deu origem ao niilismo; Charles Darwin com o evolucionismo ateísta; Sigmund Freud com a psicanálise e sua abordagem ateísta na psicologia. Esses pensamentos formam uma cosmovisão que se opõem diametralmente ao cristianismo. Ele está presente no ensino fundamental, no ensino médio, nas universidades e na mídia digital ou nas grandes mídias de televisão. Somos envolvidos por esta água fervente que lentamente vai nos envolvendo e nesse processo muitos cristãos são “cozidos” por estes pensamentos alheios a Deus (Ef 4.18).

Muitos jovens cristãos têm sido influenciados nas universidades a abandonar o cristianismo por causa das ideologias que são frutos diretos ou indiretos daquelas quatro colunas. Como a igreja pode enfrentar essa nova realidade? Entendemos que a base de resposta

---

<sup>1</sup> SCHAIFFER, Francis A. **A igreja no século 21**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p. 09.

<sup>2</sup> MOHLER, Albert. **Não podemos nos calar**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. p.20.

continua sendo a mesma, a Escritura. É necessário que aprofundemos na Palavra de Deus para dar respostas racionais e verdadeiras a todas as críticas feitas a nossa fé e que coloca em risco a saúde teológica de nossas igrejas. É dentro desta realidade que a igreja se encontra e necessita ser instruída pela Escritura. A única maneira de formarmos uma cosmovisão cristã é a partir da imutável e perfeita Palavra de Deus. A narrativa da criação é o fundamento inicial para a formação da nossa visão de mundo. Nela encontramos os elementos necessários para nos relacionar com o Criador, com o mundo e com o próximo, interpretando desta maneira estas relações de forma correta cobrindo toda a realidade.

A cosmovisão cristã tem sido um dos assuntos mais discutido em nosso tempo no círculo reformado e somado a este a teologia bíblica com a perspectiva aliancista. Muitos bons trabalhos foram produzidos a respeito deste tema, contudo notamos uma lacuna em relação a abordagem da cosmovisão utilizando como fundamento a aliança e seus mandatos revelados na narrativa da criação. O presente trabalho visa contribuir singelamente para o preenchimento desta lacuna.

Partiremos da premissa que Moisés é o autor do Pentateuco e com isso evitaremos longo debate sobre este ponto. Outro aspecto que não abordaremos por questão de tempo é a historicidade da narrativa da criação. cremos que a narrativa é histórica e inspirada e como tal é autoritativa em suas normas para a nossa visão de mundo, ao fazermos isso demonstraremos que nos dois primeiros capítulos de Gênesis contêm a revelação ainda em forma germinal a aliança com seus mandatos: espiritual, social e cultural. Sendo estes as bases para o nosso andar com SENHOR e cosmovisão.

Demonstraremos que a igreja precisa ser instruída com maior afinco sobre o seu andar na aliança, cumprindo os mandatos para que seja sal e luz no mundo (Mt 5.13-16). Um povo que anda na aliança impactará o seu tempo com a verdade, podendo ser instrumento de transformação social e cultural. Também despertará o ódio dos opositores do Evangelho e poderá sofrer perseguição, pois a remoção de visões de mundo completamente opostas as Escrituras gera crise cultural, social e até econômica, como ocorrera em Éfeso com o ministério de Paulo ali durante dois anos (At 19.8-20). Independentemente do resultado, Deus será glorificado com a nossa obediência aos mandatos da aliança, e é isso que realmente importa!

## CAPÍTULO 1

### A NARRATIVA DA CRIAÇÃO E A ALIANÇA

Os mitos são contados ao longo das eras e somos induzidos a pensar que todos são falsos. É muito comum aquelas reportagens em um programa de tv que apresentam uma situação e perguntam: “mito ou verdade?” Alguns exemplos que dão é até engraçado: “misturar leite com manga faz mal? Mito ou verdade?”<sup>3</sup> Todavia, os mitos contados pelos povos antigos eram muitos deles misturados com a realidade, uma interpretação dos fatos envolvidos pelos pressupostos religiosos. A origem de todas as coisas era contada pelas civilizações primitivas com versões politeístas, adequadas as suas crenças. Em Gênesis encontramos uma narrativa monoteísta que apresenta Elohim como o Criador dos céus e da terra, existindo antes do “princípio”, que cria a partir do nada (Gn 1.1) e cria vida consciente (Gn 1.21), como também cria o homem e a mulher a sua imagem e semelhança (Gn 1.27)<sup>4</sup>, como seus representantes reais.

O livro de Gênesis registra o princípio de todas as coisas. O autor inspirado apresenta aspectos essenciais a nossa fé com relação a criação dos céus e da terra, com ênfase no habitat do homem. O texto é claro em demonstrar que Deus existe, sendo este o pressuposto encontrado em toda a narrativa da criação.<sup>5</sup> Vemos este mesmo testemunho em outras partes das Escrituras como no Salmo 33.6: “Os céus por sua palavra se fizeram, e, pelo sopro de sua boca, o exército deles”. No verso 9 declara: “Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir.”

A narrativa da criação começa com uma declaração absoluta a respeito Deus como o Criador dos céus e da terra (Gn 1.1): “*No princípio, criou Deus os céus e a terra*”. O Senhor é o Criador de toda a realidade, como também a fonte de todo o conhecimento verdadeiro. Ele é em si mesmo o sujeito e objeto de todo o conhecimento.<sup>6</sup> Ele é o doador da vida, mas também o criador das verdades científicas. Toda a verdade tem sua origem nele e fora dele é inverdade,

---

<sup>3</sup> REINKE, André D. **Os outros da Bíblia, história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022. p. 28-29.

<sup>4</sup> SCHAEFFER, Francis A. **Gênesis no Espaço-Tempo**. Brasília: Monergismo, 2014. p. 47.

<sup>5</sup> COSTA, Hermisten M. **Introdução à Cosmovisão Reformada, um desafio a se viver responsavelmente a fé professada**. Goiânia: Cruz, 2017. p. 51.

<sup>6</sup> HOEKSEMA, Herman. **Reformed Dogmatics**. Grande Rapids, Michigan: Reformed Free Publishing Association, 1976. 3 v. p. 15.

o conhecimento real e genuíno só pode ser encontrado nele por meio da revelação que faz de si mesmo ao homem. Só podemos conhecê-lo porque se revelou.

Em Gênesis 1-2 temos a declaração de revelação a respeito do Criador e sua criação.<sup>7</sup> Esta narrativa apresenta um palco abrangente com elementos fundamentais que serão manifestados progressivamente no curso do tempo sobre Deus e sua relação providencial com a criação, a queda do homem e o plano redentor, bem como a promessa a respeito da consumação deste plano, como novos céus e nova terra (Ap 21).

Na narrativa da criação registrado em Gênesis 1-2 temos as verdades reveladas do Senhor para o seu povo de forma embrionária que será desenvolvida na progressão histórico-redentora.<sup>8</sup> Na narrativa da criação podemos destacar uma concepção correta e imutável sobre a nossa relação com Deus, com o mundo e com o próximo, revelado por meio da aliança e os seus mandatos. No entanto, precisamos demonstrar que nestes dois primeiros capítulos das Escrituras encontramos evidências da existência de uma aliança entre Deus e o homem.

### **1.1. - O Criador e sua obra prima**

O livro de Gênesis em seus dois primeiros capítulos revela o Criador e suas ações criacionais executando o seu plano soberano concebido na eternidade. Com sabedoria e poder fez tudo conforme sua vontade e viu que tudo era muito bom (Gn 1.31). Seria semelhante a um artesão após terminar sua obra de arte se afastar um pouco e contempla-la minuciosamente e constatar que ficou como havia determinado. Suas cores, formato, combinações e harmonia, sua funcionalidade, tudo de acordo com o seu projeto. Ele contempla e diz para si mesmo: “ficou muito bom!” O sentimento é de prazer, não é? Toda comparação entre nossas ações, sentimentos e pensamentos com Deus são limitadas e imperfeitas, todavia, servem como instrumento didático.

O capítulo 1 de Gênesis enfatiza a ação direta do Criador, como colocou Young:

O primeiro capítulo de Gênesis salienta o monergismo absoluto de Deus. A palavra Deus (Elohim) ocorre 32 vezes nesse capítulo, e quase sempre como sujeito. Assim, Deus criou (3 vezes), disse (10 vezes), viu (7 vezes), dividiu (uma vez), chamou (3 vezes) fez (3 vezes), estabeleceu (uma vez), abençoou (duas vezes). Note-se, igualmente, que “o Espírito de Deus pairava” (vers. 2), “chamou Deus” (vers. 5,7), “criou Deus” (vers. 27 — duas vezes).<sup>9</sup>

<sup>7</sup> GRONINGEN, Gerard Van. **Criação e Consumação, o Reino, a Aliança e o Mediador, VII**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. p. 21.

<sup>8</sup> GREIDANUS, Sidney. **Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento, fundamentos de sermões expositivos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019. p. 66.

<sup>9</sup> YOUNG, Edward. J. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2012. p. 41.

Deus não é descrito em Gênesis 1.1, como afirmou Van Groningen, Ele é colocado diante do leitor como o Criador. Sendo Ele o Criador iniciou tudo de acordo com o seu plano soberano decretado na eternidade. Ele, soberana e sabiamente, trouxe à existência o que não tinha estado presente ou existente antes dele falar e agir.<sup>10</sup> Toda a Escritura declara que o SENHOR é o criador de todas as coisas, como fizeram os profetas do Antigo Testamento e posteriormente os apóstolos no Novo Testamento. O próprio Deus encarnado falou que a criação ocorreu como fato histórico e foi ação direta do Deus trino (Is 40.26-28; Jo 1.3; Rm 1.20; Ap 4.11).

Como podemos perceber o ensino da criação tendo o Todo-Poderoso como autor é ensinado em toda Bíblia, mostrando a sua historicidade e progressividade. O testemunho das Escrituras é definitivo: Deus é o Criador e o Soberano. Portanto, Ele é aquele que pode estabelecer uma aliança com os seus servos.

## **1.2. Os nomes de Deus e sua relação com a aliança**

Em Gênesis 1.1 encontramos um resumo de todo o processo da criação e no versos seguintes os detalhes da criação da terra como habitat do homem e da mulher. O narrador faz um “corte” para nos chamar a atenção,<sup>11</sup> após esse “corte” ele apresenta os detalhes que envolveram todo o processo criacional. Ele repete está didática no capítulo 1 e 2 ao falar da criação do homem e da mulher de forma resumida (1.26-27) e depois é detalhado como foram criados (2.7-25).

Em Gênesis 1.1 abre diante de nós uma tremenda extensão de tempo em uma formidável e majestosa cena.<sup>12</sup> Esta cena é ampliada na medida que o Criador atua diretamente na formação do habitat perfeito para que sejam em seguida criados o homem e a mulher, que por serem feitos à imagem do Criador deveriam dominar e sujeitar este habitat, bem como relacionar um com o outro formando uma só carne e juntos deveriam adorar o SENHOR Deus (Gn 2.24-25).

Em Gênesis 1-2 temos o protagonista que é o SENHOR Deus. No capítulo 1 é usado o nome Elohim ( $\sim y h i l \{ a / \}$ ) e no capítulo 2 é utilizado o nome composto: SENHOR Deus ( $\sim y h i l \{ a / \quad h w " h y \}$ ). Qual seria a razão para este uso anacrônico do nome

<sup>10</sup> GRONINGEN, 2002. p. 23.

<sup>11</sup> GORMAN, Michael J. **Introdução à Exegese Bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017. p. 54.

<sup>12</sup> GRONINGEN, 2002. *passim*.



Yahweh Deus? Quando Moisés escreveu a narrativa da criação o povo de Israel já havia saído do Egito e portanto conhecido os feitos do SENHOR e o seu nome. Se observarmos no livro de Êxodo que narra o seu chamado e a libertação do povo do Egito, o Senhor se apresentou a ele na sarça ardente como SENHOR (הַיְהוָה, *hwh"hy> rm, aYOW :*), sendo o Deus de Abraão, Isaque e Jacó (Êx 3.6). Depois o SENHOR diz ao libertador que declare ao povo que o “EU SOU O QUE SOU” (הַיְהוָה, *hy<h . a , rv , a ] hy<h . a*) que o enviou (Êx 3.14). Todo esse contexto de revelação do nome do SENHOR a Moisés e ao povo registrado em Êxodo está relacionado a aliança que foi feita com Abraão, Isaque e Jacó (Êx 6.4-5).

As mesmas palavras usadas em Êxodo para “aliança” são as mesmas em Gênesis 6.8; 9.9,11,12,13,15, 16, 17 com Noé e a mesma usada neste livro para falar da aliança feita com Abraão (15.18; 17.2, 7,9,11,13,14,19,21).

Podemos ver em algumas passagens do Antigo Testamento que Elohim é identificado como Iahweh, um exemplo é o Salmo 33.6-9, o nome Elohim é atribuído a Iahweh, o Deus da aliança, pois nesta passagem cita a criação do céu, e que colocou os oceanos em reservatórios (Sl 33.6-9). Sabemos que Iahweh é um nome de Deus diretamente envolvido com o pacto, é o Eu sou revelado a Moisés por ocasião do seu chamado para libertar o povo da escravidão do Egito (Êx 3.13-15; 6.1-8; 20.1). Este nome Iahweh está intimamente vinculado a aliança nestas passagens.

Se avançarmos o nosso olhar até o Novo Testamento veremos que Cristo foi chamado de Senhor (*kurios* no grego) e foi dado como o cabeça da nova aliança, como cabeça do seu corpo redimido (Jo 8.58; At 2.36; Rm 14.9).<sup>13</sup> Esta relação do Senhor com o seu povo é firmado por meio de uma aliança e cumprida através de mediadores que apontavam para o Mediador final, Cristo.

Quando Moisés usa o nome Iahweh para o Criador da terra, conforme é narrado no capítulo dois de Gênesis, são apresentados elementos relacionados a aliança, como: a) Iahweh como Suserano; b) Adão e Eva como vassalos; c) jardim como um palácio para ser o local de encontro dos vassalos com o seu Rei; d) e a união entre os vassalos para procriar e formar um povo para o Soberano.

---

<sup>13</sup> FRAME, John. **A doutrina do conhecimento de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p. 27.

Na intenção de fortalecer o argumento que o uso do nome Iahweh para o Criador feito por Moisés tem como finalidade principal revelar que é o Deus da aliança, temos o texto de Neemias 9.6 onde é usado o nome Iahweh como o Criador dos céus e da terra: “Só tu és Iahweh, tu fizeste o céu, o céu dos céus e todo o seu exército, a terra e tudo quanto nela há, os mares e tudo quanto há neles; e tu os preservas a todos com vida, e o exército dos céus te adora.” Em Deuteronômio 6.4, a nação de Israel é exortada a entender que existe um único Deus (Elohim) e este é Iahweh. O Deus que criou todas as coisas, conforme Gênesis 1-2 é o Iahweh Elohim, o mesmo Deus que fez aliança com Israel no deserto e que se obedecessem seriam abençoados, mas se desobedecessem seriam amaldiçoados (Dt 28; 30.19), e teriam os montes e os céus como testemunha desta aliança (Dt 4.26). O povo após voltar do cativeiro da Babilônia e começa a reconstruir a nação, precisavam lembrar que deveriam cumprir a aliança com Iahweh. Logo, a narrativa da criação é o fundamento para o que seria desenvolvido em toda a Escritura acerca deste relacionamento de vida e amor entre Deus e o seu povo.

### **1.3. O A narrativa da criação como instrumento de desconstrução de cosmovisão**

Olhando para a narrativa da criação em Gênesis 1-2 podemos constatar que a visão religiosa impregnada ao longo dos quatro séculos na mente e no coração de muitos daqueles hebreus, precisava ser destruído com uma instrução correta. Como afirmou o apóstolo Paulo acerca das Escrituras, ao dizer que ela é inspirada e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a educação na justiça (2Tm 3.16). Os hebreus precisavam ser ensinados e corrigidos antes de herdar a terra.

O desafio para aquela geração que saiu do Egito era dupla em relação a desconstrução de visões de mundo: a) teriam que desconstruir o pensamento egípcio adquirido durante a escravidão; b) teriam que enfrentar as visões pagãs dos canaanitas quando possuísem a terra. Infelizmente sabemos que após a morte de Josué e sua geração, levantou outra que não conhecia o SENHOR e nem as obras que fizera (Jz 2.10.11). Houve um rompimento em algum momento de instrução de uma geração para a outra e desencadeou em um período terrível de apostasia para a nação de Israel, conforme narra o livro de Juízes.

O assédio que Israel enfrentaria após possuir a terra seria constante, como sabemos que ocorreu. A narrativa da criação serviu como fundamento irremovível para outros escritores inspirados repetir está verdade e fazer as devidas exortações aos seus leitores para que não adorassem ídolos que nada eram. O profeta Isaías apresentou razões lógicas para Judá não se

prostrar diante de ídolos fundidos conforme a imaginação dos seus artífices, onde o ferreiro que faz o machado é o mesmo que forjava um ídolo ou o artífice que cortava uma madeira e de parte desta madeira fazia um ídolo e depois pedia para este os livrar (Is 44.9-17). O povo de Judá deveria olhar para o Deus da aliança que criou os céus e a terra e os estabeleceu como testemunha (Is 1.2).

#### **1.4. A Narrativa da Criação e a Aliança**

O Senhor não é apenas o Criador mas se relaciona com a sua criação, conforme Gênesis 1-2. John Frame fala que Deus é cabeça da aliança e como resultado é exaltado acima do seu povo, portanto é transcendente. Mas também como cabeça da aliança, segue-se que ele está profundamente envolvido com o seu povo, logo Ele é imanente.<sup>14</sup> Os dois conceitos, transcendência e imanência estão juntos harmoniosamente no conceito bíblico de aliança. O servo do Deus da aliança deve sempre lembrar destes dois aspectos, pois a sua relação é com o SENHOR exaltado sobre todas as coisas, mas ao mesmo tempo este Deus se inclina para se revelar e ter comunhão com os seus servos (Is 57.15).

Essa ideia de transcendência e imanência de Deus está ligado ao conceito de aliança. Mas o que é uma aliança? Uma aliança pode referir-se a um contrato ou acordo entre partes iguais, ou a um tipo de relação entre um Senhor e seus servos.<sup>15</sup> O Senhor estabeleceu um pacto unilateral com o homem e estabeleceu meios desse pacto ser obedecido. O pacto é um vínculo de amor e bondade de Deus com o seu povo. O SENHOR é o Rei e Adão e Eva vassalos. Portanto, esse pacto é unilateral, é o Criador quem determina os meios de se relacionar conosco. Ao obedecermos seu pacto existem promessas de proteção e cuidados conosco, como também a desobediência traz maldição para seus vassalos. Em toda a Escritura temos o pacto sendo progressivamente revelado e confirmado.

Existe um paralelo entre a maneira como o Senhor se relaciona com Adão e posteriormente com Abraão, Isaque, Jacó e Israel que remonta o período dos hititas ou heteus, no qual um rei poderoso impunha a sua vontade sobre um rei menor. Nos documentos continham: 1) identificação do grande rei – seu nome; 2) prólogo histórico – a relação passada, entre o grande rei e o rei menor, focalizando as maneiras pelas quais o primeiro ajudou o segundo; 3) leis – a lealdade pactual fundamental, chamada “amor”, mandamentos menores que

---

<sup>14</sup> FRAME, 2010, p. 29.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 28

falavam do papel do vassalo (rei menor); 4) sanções – bênçãos prometidas pela obediência, maldições, pela desobediência; 5) administração pactual – uso dos documentos, arranjos relacionados com a sucessão, e assim por diante.<sup>16</sup>

É esta linguagem que encontramos, guardadas as devidas proporções, em Deuteronômio 28 ou no capítulo 30.19, onde é proposto a bênção e a maldição, a vida ou a morte decorrente da obediência ou desobediência a lei do SENHOR da aliança. Em Gênesis 1-2 temos a relação do Criador, o grande Rei com o rei menor, Adão. Nesse contrato unilateral, é estabelecido um vínculo de amor e obediência. Se ele obedecesse as ordens do grande Rei desfrutaria da plenitude da vida, se desobedecesse experimentaria a morte (Gn 2.15-17).

Se existe um padrão na forma de Deus relacionar com Adão, Abraão, Isaque, Jacó e Israel, isto evidencia que com Adão foi feita uma aliança visto que nos demais citados claramente teve uma aliança.

No Novo Testamento temos o apóstolo Paulo falando da leitura dos israelitas de suas Escrituras como uma leitura da "antiga aliança" (2Co 3.14). Se ele tinha em vista apenas o Pentateuco ou o Antigo Testamento inteiro, ele identifica claramente as Escrituras em um sentido amplo com aliança, declara Meredith Kline.<sup>17</sup>

Sabemos que existe uma resistência por parte de muitos em assumir que podemos encontrar nos dois primeiros capítulos da Bíblia o ensino que Deus fez uma aliança com Adão. Para exemplificar esta dificuldade, citamos o teólogo John Murray disse que era melhor falar de administração adâmica ao invés de uma aliança com Adão.<sup>18</sup>

Um dos principais argumentos utilizados é que a palavra aliança ou pacto não aparece na narrativa da criação. Sobre essa ausência do termo “aliança” em Gênesis 1 e 2 Van Groningen afirma que a palavra “Trindade” também não aparece nas Escrituras, mas é ensinado por muitas referências fator central – as três pessoas. Não temos a expressão providência nas Escrituras, no entanto sabemos que ela ensina a providência. Como também a palavra “graça” não aparece em Gênesis 3, mas sabemos que ela está lá na narrativa, pois o registro da criação foi feita posteriormente a queda para um povo que carecia da graça. Não é necessário que o

<sup>16</sup> KLINE, Meredith. **Treaty of the great King**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1963.

<sup>17</sup> *Id.*, **Canon e convênio**. The Westminster Theological Journal, [s. l.], v. 32, n. 2, Grand Rapids, Michigan, 1970, pp. 179–200.

<sup>18</sup> SCHREINER, Thomas R. **Aliança e o propósito de Deus para o mundo**. São Paulo: SHEDD, 2021 p.23.

termo esteja presente na passagem para que a passagem ensine sobre ele. Assim, embora não ocorra a palavra aliança, todos os aspectos essenciais estão ali. Aliás, pode se dizer que a ideia de aliança está presente em todas as páginas das Escrituras, porém ela é ampliada em seu sentido.

A maioria dos eruditos, segundo Thomas R. S. Schreiner, reconhece que o conceito de aliança pode estar presente sem a própria palavra. Um claro exemplo disso nas Escrituras é quando o SENHOR faz aliança com Davi em 2 Samuel 7 e novamente narrado em 1º Crônicas 17, a palavra aliança não aparece. Creio temos evidências claras nestes textos que Deus fez uma aliança com Davi, mas se usássemos o critério de desconsiderar como sendo uma aliança por não aparecer o termo, seria desconsiderado neste sentido.

Na sequência temos que entender o sentido do termo hebraico para aliança, a expressão *yṯīy rīb*. A aliança também era um tratado entre nações ou indivíduos em que as partes equivalentes entravam em acordo, isso ocorre até os nossos dias. Vemos isso entre Abraão e os Amorreus (Gn 14.13). O uso bíblico de *b<sup>e</sup>rīt* pode significar um acordo social, político ou econômico que tenha sido concluído sob condições estabelecidas entre as partes. John Walton lembra que o termo é usado para referir-se a um tratado internacional (Js. 9.6; I Rs 15.19), alianças de clã (Gn. 14.13), acordos pessoais (Gn. 31.44), contratos legais (Jr 34.8-10), acordos de lealdade (I Sm 20.14-17), e matrimônio (Ml 2.14).<sup>19</sup>

Um outro ponto de vista sugere que seja derivado do acádio que significa o estabelecimento de uma situação legal através de testemunho com um juramento. Uma outra possibilidade seria a de unir *berīti* com o termo acádio (*birtu*) passando a significar “apertar”, “acorrentar”. Isto teria o apoio do termo hitita acadiano para tratado (*vihsu*) e (*ishiul*) que significa “laço”. Isto também teria seu apoio em Ez. 20:34, “*tirar-vos-ei dentre os povos e vos congregarei das terras nas quais andais espalhados, com mão forte, com braço estendido e derramado furor*”. Dumbrell entende que este terceiro sentido é o mais provável, porque quando *berīt* é usado no Antigo Testamento, em um contexto em que relacionamentos são estabelecidos ou confirmados, geralmente traz consigo uma ideia de vínculo.<sup>20</sup>

<sup>19</sup> WALTON, J. H. **Covenant, God's Purpose, God's Plan**. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1994, p. 14.

<sup>20</sup> DUMBRELL, W. J. **Covenant & Creation, A Theology of the Old Testament Covenants**. Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, 1993, p. 1.

O termo hebraico para aliança  $\text{בְרִית}$  (*b<sup>e</sup>rît*) ocorre 25 vezes em Gênesis, a primeira vez é em Gênesis 6.18: “Contigo, porém, estabelecerei a minha aliança; entrarás na arca, tu e teus filhos, e tua mulher, e as mulheres de teus filhos.” Mas em Gênesis 9 ela aparece 7 vezes. É curiosa a frequente aparição de *b<sup>e</sup>rît* neste capítulo pois o contexto em que é usada se assemelha muito com a narrativa da criação. O Senhor está confirmando uma aliança com Noé e seus descendentes com características encontradas em Gênesis 1-2.

<b>GÊNESIS 1-2</b>	<b>GÊNESIS 9</b>
“...E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra.” Gênesis 1.28	“Abençoou Deus a Noé e a seus filhos e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra.” Gênesis 9.1
“Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.” Gênesis 1.27	“...porque Deus fez o homem segundo a sua imagem. Mas sede fecundos e multiplicai-vos; povoai a terra e multiplicai-vos nela.” Gênesis 9.6-7

Se houve uma aliança com Noé com os mesmos aspectos que vemos na narrativa da criação, podemos ao nosso ver deduzir que o SENHOR fez uma aliança com Adão que é a mesma estabelecida com Noé. É uma aliança no começo e outra no recomeço. Vemos que o SENHOR cita nesta passagem a aliança com Noé. E que o homem não deveria matar outro homem devido ter sido criado à imagem de Deus. Também é afirmado que deveriam ser fecundos e multiplicar, como foi dito a Adão e Eva. Essa mesma linguagem dentro de um contexto de confirmação da aliança com Noé não é por acaso.

Existe uma ênfase na multiplicação para formar um povo e este servir ao Senhor o que no capítulo 12.1-3 fica claro no chamado de Abraão. Temos que relembrar que Gênesis foi lido primeiramente pela nação de Israel recém saída do Egito que caminhava para uma terra de descanso. Eles seriam povo de Deus dentre todas as outras nações e por meio deles todas as famílias da terra seriam abençoadas, cumprindo a promessa a Abraão (Gn 15.5-6).

Na narrativa da criação temos elementos que são apresentados que no decorrer das Escrituras são associados diretamente a aliança que Deus fez com o seu povo e que aparecem em forma germinal ou como um arquivo compactado que é descompactado no decorrer da revelação, tais como: terra; SENHOR Deus; descanso; imagem e semelhança; multiplicação;

sede fecundos; dominai. Estas expressões são utilizadas nas demais Escrituras para falar do Deus da aliança, da promessa de um descanso para o povo do Senhor e a multiplicação desse povo, bem como o seu domínio final sobre toda a criação por meio de Cristo.

Voltemos ao capítulo 9 de Gênesis para evidenciar nossa tese de que a aliança está embrionariamente em Gênesis 1-2. É preciso destacar que por várias vezes é usado o termo  $\text{y}\text{t}\text{i}\text{y}\text{r}\text{I}\text{B}$  para Noé nas ordens dadas pelo SENHOR. Podemos constatar em Gênesis 9.9 quando diz: “minha aliança”. Já nos versos 11-13 aparece “minha aliança” por três vezes, sendo uma vez em cada verso e nos versos 15-17 temos “minha aliança” e “aliança” por mais três vezes. Observemos que sempre que a palavra aliança ocorre é usado o nome Iaweh para Deus, o mesmo usado por Moisés em Gênesis 2.

É preciso destacar que Deus sempre fala “*minha aliança*”  $\text{y}\text{t}\text{i}\text{y}\text{r}\text{I}\text{B}$ ., o que deixa claro que o Soberano deste pacto é o SENHOR, o mesmo que estabeleceu uma aliança com Adão no jardim no Éden. Temos que destacar que Noé é o mediador da aliança, ao ponto que seu pai Lameque demonstrou crer que ele fosse o descendente prometido que removeria as maldições da Queda (Gn 5.28-29): “*Lameque viveu cento e oitenta e dois anos e gerou um filho; pôs-lhe o nome de Noé, dizendo: Este nos consolará dos nossos trabalhos e das fadigas de nossas mãos, nesta terra que o Senhor amaldiçoou.*” Conforme Gênesis 3.15 é a semente da mulher que esmagará a cabeça da serpente e trará a vitória sobre sua linhagem, removendo as maldições da queda (Rm 16.20).

O verbo “*estabelecerei*” em Gênesis 9.9 é muito importante para lançar luz sobre o conceito de aliança. É um verbo *mequim* é usado em várias partes de Gênesis no sentido do estabelecimento da aliança e no restante do Pentateuco. Esta aliança foi estabelecida com Abraão (Gn 17.7,19,21), com Isaque e sua descendência (Gn 26.3). Em Êxodo o SENHOR diz a Moisés que estabeleceu uma aliança com Abraão, Isaque e Jacó (Êx 6.2-4, em Levítico 26.9 é reafirmado o estabelecimento da aliança com Israel. Logo, é uma ênfase no restante do Pentateuco o conceito do estabelecimento da aliança da mesma forma que encontramos em Gênesis 1-2, embora nestes dois capítulos não seja utilizado a expressão aliança.

O que tudo isso tem a ver com o relato da criação e aliança presente nele? No relato que fala da aliança do SENHOR com Noé parece ter uma relação direta com este personagem bíblico como objeto do favor divino, parece-nos que isso tinha também ligações com o seu comportamento: “*Noé era homem justo e íntegro entre os seus contemporâneos; Noé andava*

*com Deus*". O termo *justo (tsaddîq)* no Antigo Testamento refere-se basicamente a uma conduta em um relacionamento, tendo em vista o preestabelecimento dos padrões que deviam ser observados. Só secundariamente esse termo pode ser aplicado no sentido de "declarar justo". Isso indica que havia um padrão de vida estabelecido pelo Criador que estava sendo quebrado por toda a raça humana, mas que era observado com fidelidade por Noé. Nesse sentido, poderíamos dizer que os termos "justo", "íntegro" e "andava com Deus" são enfáticos quanto à fidelidade de Noé a esse padrão preestabelecido. E quando ele foi estabelecido? Na criação do homem e da mulher.

Outro texto que lança luz sobre a aliança antes da queda Oséias 6.7: "*Mas eles transgrediram a aliança, como Adão; eles se portaram aleivosamente contra mim.*" A expressão *como Adão* tem sido uma contínua fonte de dificuldade para os intérpretes. A Septuaginta entendeu "Adão" como o substantivo comum "homem" e traduziu "mas eles são como um homem que transgride uma aliança."<sup>21</sup> Todavia, a maneira como Deus trata o pecado de Israel e usa a relação conjugal do profeta para revelar o adultério do povo e como foi perdoado diversas vezes, revelando a quebra da aliança por parte deles, encontra na relação pactual de Adão com o Criador no Éden. Paulo fala de Adão como sendo aquele pelo qual entrou o pecado no mundo e passou a todos os homens (Rm 5.12), algo que no restante do Antigo Testamento encontramos a morte como sendo consequência da quebra da aliança (Dt 30.19). Temos que lembrar que no mundo antigo, as alianças eram juramentos solenemente formalizados que foram instituídos para regular a perpetuidade dos relacionamentos entre as partes na aliança. Assim, as disposições pactuals de Deus são designadas para serem "eternas" (cf. Gn 9.16; 17.7; Is 24.5; 55.3; Jr 32.40).<sup>22</sup>

No Antigo Testamento a expressão aliança ocorre duzentas e noventas vezes, o que revela sua importância dentro da revelação bíblica. Só no livro de Gênesis ocorre mais de trinta vezes. No caso da aliança entre o SENHOR e Adão, como já mencionado, temos um acordo unilateral e não bilateral como eram os acordos entre iguais ou entre nações. É o SENHOR quem estabelece a maneira do homem relacionar com a criação, com o próximo e com o Criador.

Alguns teólogos negavam a conexão do tratado hitita com o que encontramos em Gênesis 1-2. Para teólogos como Wellhausen o conceito de pacto "berit" em Israel não poderia

<sup>21</sup> MACKAY, John L. **Oséias, comentários do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p. 204.

<sup>22</sup> MACKAY, John L. 2015, pp. 208–209.



ter surgido tão primitivamente, mas teria sido desenvolvido posteriormente pelos profetas para levar o povo a obedecer as leis morais, éticas e sociais.<sup>23</sup> Todavia, entendemos que o conceito de aliança foi dado pelo SENHOR ao seu povo através de Moisés, mas o estabelecimento da aliança teve seu início no jardim no Éden com Adão e foi confirmada ao longo da história da redenção percorrendo toda a Escritura, incluindo o período dos profetas. Os mesmos falaram com base na aliança feita desde o Éden e não formularam uma para atender necessidades da época. O que os hititas fizeram foi imitar o que Deus fez com Adão antes da Queda e adaptaram a suas visões de mundo. Moisés corrigi esse uso da aliança e mostra aos leitores originais a versão correta.

O próprio conceito de senhorio de Deus presente na narrativa da criação revela a necessidade de enxergarmos uma aliança entre o SENHOR e o seu servo Adão. O Criador estabeleceu um vínculo de vida e amor, exigiu que Adão e Eva respondesse de uma maneira viva, amorosa, dinâmica e fiel.<sup>24</sup>

Moisés utiliza dentro da construção do livro o termo “aliança” várias vezes e em cada uma delas é ampliado o seu sentido dentro do plano histórico-redentor. Não faria nenhum sentido este termo aparecer apenas no capítulo 6.18 e depois no capítulo 9 sem nenhuma conexão com algo tão fundamental para estas narrativas, quanto foi a narrativa da criação. O relato da criação é o fundamento para entendermos a queda e a promessa da semente da mulher (Gn 3.15), bem como para o dilúvio e a preservação de Noé e sua família. Sem o entendimento correto deste relato e a aliança estabelecida pelo SENHOR com Adão perde-se a amplitude da aliança cumprida no segundo Adão.

Em Gênesis 1-2 encontramos os seguintes aspectos essenciais presentes nas alianças feitas por Deus ao longo do Antigo Testamento:

<b>As partes</b>	Deus e Adão (Gn 1.26)
<b>Suas Condições</b>	A proibição de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn. 2.15-17)

<sup>23</sup> TAGGAR, Cohen A. The Hebrew Biblical Bérit in Light of Ancient Near Eastern Covenants and Treaties, *Canon & Culture*, v. 14, n. 2, 2020. p. 5–50.

<sup>24</sup> GRONINGEN, 2002, *passim*.

<b>Suas Penalidades</b>	Na expressão “ <i>certamente morrerá</i> ” (Gn 2.17) temos a penalidade, a morte em todos os aspectos que a envolve.
<b>As Promessas</b>	A promessa estava subtendida no cap. 2.17, caso o homem obedecesse seria abençoado.

O homem e a mulher deveriam obedecer a essa aliança e ensinar seus filhos a obedecerem e como resultado seriam abençoados. Onde posso ver este princípio sendo aplicado na vida familiar de Adão e Eva? Depois da queda eles tem dois filhos e ambos aprenderam que deveriam ter ofícios (mandato cultural), Caim era lavrador da terra e Abel pastor de ovelhas (Gn 4.2); deveriam relacionar-se como irmãos e como família (mandato social), pois o SENHOR exortou Caim em relação ao ódio que mantinha em seu coração por seu irmão (Gn 4.7). Eles prestavam culto a Deus no decorrer de uns dias (mandato espiritual), conforme Gênesis 4.3. Entendemos que é inegável o fato que aprenderam dos seus pais estas ordenanças.

Como a aliança é mantida após a quebra dela feita por Adão? Com a Queda do primeiro Adão, a aliança é mantida através da promessa de um novo mediador, o descendente da mulher, que é Cristo. Mas no jardim no Éden o mediador é Adão e este deveria obedecer a aliança, caso contrário, seria amaldiçoado (Gn 2.17). Esse mesmo princípio de bênção e maldição em relação ao cumprimento ou não dos mandamentos da aliança estão presentes em toda a Escritura e com muita clareza vemos reafirmado e ampliado em Deuteronômio 28 e 30.19. O que ocorreu com Adão no Jardim no Éden foi a maldição decorrente de sua desobediência a aliança que tem em si mandamentos e estatutos do SENHOR. O profeta Miquéias como porta voz do SENHOR julgou Judá e Israel conforme o tribunal da aliança, tendo os montes e os fundamentos da terra como testemunha da queixa contra o povo (Mq 6.1-8). A linguagem profética era fundamentada na aliança e também os salmistas falavam constantemente desta aliança do SENHOR com o seu povo (alguns para demonstrar: Sl 25.10,14; 44.17; 50.5,16; 55.20; 103.18; 111.5,9; 132.12).

Outro argumento que podemos utilizar para demonstrar que temos uma aliança na registrado na narrativa da criação é que o homem e a mulher ao serem criados à imagem e semelhança de Deus deveriam se unir em “aliança”. Nesse sentido Van Groningen afirmou:

...O próprio termo berit dá indicação de ser mais plausivelmente derivado de um termo semítico, birtu, que significa vínculo. O casamento, um vínculo entre um macho e

uma fêmea, é considerado um pacto. Na verdade, nas Escrituras, o pacto do casamento é usado, repetidamente, como símbolo ou representação específica, dentro da vida humana, do relacionamento íntimo de Deus com a humanidade. Deus estabeleceu tal vínculo íntimo quando ele, como o Soberano Senhor da criação, criou o homem e a mulher à sua imagem e semelhança. Deus relacionou a humanidade a si mesmo com o vínculo de vida e confiança. Eles fez os primeiros seres humanos para serem membros de sua família real; ele os declarou como sendo muito bons, como o eram todos os outros aspectos da criação...<sup>25</sup>

O SENHOR ao criar o ser humano à sua “*imagem e semelhança*” (Gn 1. 26-28), faz com ele uma aliança. Onde podemos ver essas características no texto? Deus dá ao homem e mulher responsabilidades, entre elas se encontram-se obrigações de cuidar e desenvolver o que Deus havia colocado em suas mãos, conforme Gênesis 2. 15,19, e a ordem de procriação, multiplicação e domínio refletidas nas bênçãos dadas a eles. São ordens claras de Deus para eles, como expressão os verbos: *sede fecundos, multiplicai-vos, enchei, sujeitai, dominai*, conforme Gênesis 1.28. Somente um Rei poderia dar ordens assim aos seus servos ou vassalos. Deus é o Rei o Suserano, Adão e Eva são seus vassalos. Essas características: *soberania, sustento, relacionamento, responsabilidade, bênçãos e maldições* são apresentadas dentro do conceito da aliança em toda a Escritura.

A aliança é um relacionamento de amor estabelecido pelo Criador com o homem e este relacionamento deveria moldar a cosmovisão de Adão e Eva bem como de seus descendentes. A maneira como se relacionariam com a criação, com seus semelhantes e com o Criador revelariam a glória do SENHOR sobre eles e todo a humanidade que deles procederiam.

Qual foi o impacto da mensagem de Gn. 1.1-2 na mente de um judeu na época da Escrita? Alguém que passou a maior parte da sua vida no Egito, recebendo ensinamentos religiosos politeístas? Sendo o Egito a maior potência militar da época, tudo levava a crer que os seus deuses eram os verdadeiros criadores e sustentadores do universo.

Mas os judeus foram confrontados com uma tremenda verdade, que o verdadeiro Criador não é nenhum deus egípcio, mas um glorioso e majestoso Elohim. Esse Deus é único e Todo-Poderoso, que a partir dele foram criadas todas as coisas e sem ele nada do que foi feito se fez.

Eles receberam a revelação que o mesmo Deus que os libertara e humilhara o Faraó e os supostos deuses, foi o mesmo que criou os céus e a terra. Um povo que viveu como escravo 430 anos, agora descobrem que foram escolhidos para servir o verdadeiro, único e supremo Deus, que aqueles egípcios eram apenas instrumentos para cumprirem os propósitos soberanos

---

<sup>25</sup> *Ibid.*, pp. 89-90.

de Deus. Esses judeus deveriam entender que toda a terra pertence ao Deus que os libertou, que o criador deve ser adorado ao invés da criação, sendo assim, a religião egípcia era uma distorção da verdade.

Com esta revelação abrangente, Moisés instrui os judeus contra os mitos da época, da melhor forma possível, dizendo a verdade, que Deus criou os céus e a terra!

## CAPÍTULO 2

### OS MANDATOS DA ALIANÇA COMO FUNDAMENTOS DA COSMOVISÃO CRISTÃ

A estrutura da narrativa da criação estabelece ordenanças que devem ser cumpridas, as quais foram verbalizadas pelo Criador para Adão. Assim como cada parte da criação tem sua função estabelecida pelo SENHOR, assim o homem tem sua função em relação ao Rei Soberano, com o cosmo e com o próximo, o que podemos chamar de mandatos: espiritual, cultural e social. Os mandatos são respostas a esse vínculo de amor e vida do Criador com suas criaturas, do Soberano com o seus vassalos. Logo, temos o mandato espiritual que diz respeito ao relacionamento com o Criador (Gn 2.1-3); o mandato social que é o relacionamento entre o homem e a mulher para posteriormente ser com a família, clãs e sociedade organizada (Gn 1.27-28; 2.18-25); e o mandato cultural envolve a relação dos portadores da imagem de Deus com a criação (Gn 1.26-28). O primeiro mandato rege os demais, ou seja, o domínio sob a criação e a relação social entre os portadores da aliança devem ser para a glória do Criador e no dia do descanso adorar coletivamente ao SENHOR.

Existe uma progressividade da revelação que acompanha o plano redentor em toda a Escritura. O que temos é um caminho de progressão histórico-redentora. Quem delinea a história é Deus, isso ocorre desde o momento que o mundo foi criado e declarado que tudo era muito bom (Gn 1), passando pela queda da humanidade no pecado e pelo plano de redenção de Deus mediante a semente da mulher (Gn 3.15), estende-se numa longa história em que Deus dá continuidade à linhagem da semente da mulher (de Gn 3 até Malaquias), prossegue por Cristo (os Evangelhos), pela igreja (Ap 22). A Bíblia discorre pela vida, morte e ressurreição de Cristo, que ascendeu para governar a sua igreja desde o céu até que venha de novo.<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> GREIDANUS, 2009, p.21.

Preciso neste momento dar um destaque introdutório aos 5 imperativos que ocorrem em Gênesis 1.28, que dada as informações básicas de cada um lançará luz no momento oportuno para entendermos mais profundamente dois dos três mandatos:

- 1) *Fecundos*
- 2) *Multiplicai-vos*
- 3) *Enchei*
- 4) *Sujeitai-a*
- 5) *Dominai*

Todos estes verbos estão no imperativo hebraico. O Imperativo hebraico é uma ordem positiva, demonstra o papel de Deus como Suserano e o homem e a mulher como servos. Vamos observar os pontos essenciais de cada um deles:

- 1) *Fecundos*

A expressão hebraica é  $\overline{W} \overline{r} \overline{P}$  . pode ser traduzida como “*frutificai-vos*”. Este verbo foi usado antes para falar da multiplicação da espécie de grandes animais marinhos, repteis, peixes, aves (1.21). No verso 22 é utilizado “...*Sede fecundos...*” e usado em Gênesis 8.17 para os animais que saíram da arca para serem “fecundo”. Foi usado quando Deus abençoou Noé e seus filhos para serem fecundos na terra (9.1) e depois repetido no verso 7. Outro episódio em Gênesis foi no momento que o Senhor mudou o nome de Jacó para Israel e disse que faria dele uma grande nação e reis sairiam dele, utilizou este verbo “...*sê fecundos...*” (Gn 35.11). Também quando o povo habitou no Egito, na terra de Gósen, “*foram fecundos*” (Gn 47.27). No livro de Êxodo foi utilizado para falar que o povo foi fecundo mesmo debaixo de escravidão no Egito (Êx 1.7). Em todas estas passagens é revelado que a “fecundidade” é uma bênção do Senhor sobre o homem e revela a formação de um povo da aliança e está bênção teve início na criação do homem e da mulher.

- 2) *Multiplicai-vos*

O significado de “*numeroso*” ( $\overline{W} \overline{b} \overline{r} > \overline{W}$ ). O frutificar é a bênção de Deus sobre a descendência que será “prospera, abençoada”, já a expressão “*multiplicai-vos*” é uma ênfase na grande quantidade que sairá daquela descendência, desta multidão de pessoas sairão povos. Ela ocorre quando Jacó doente e próximo da morte fala com José sobre a promessa de Deus que sua descendência seria “*uma multidão de povos*” (Gn 48.4) que é uma citação direta de

Gênesis 35.11. A multiplicação da descendência de Jacó formando uma nação, para a qual Moisés escreveu Gênesis, revela o cumprimento progressivo da promessa feita a Abraão (Gn 12. 3; 15.5).

### 3) *Enchei*

O sentido do verbo  $\bar{W}a\bar{l} . m\bar{i}\bar{W}$  é “ser pleno, completo”, como “encher um copo até o seu limite de água” (Gn 21.19; 24.16). Em outras palavras Adão e Eva deveriam ter uma descendência que encheria completamente a terra e desta sairia os povos, os reinos, os reis da terra. Este verbo é usado em outras partes de Gênesis, como em 9.1 ao falar para Noé e sua família “*encher a terra*”, mostrando neste contexto de reinício da humanidade que estas expressões fazem parte da aliança. Todos as partes da terra que Deus entregou ao homem deveria ser habitado.

### 4) *Sujeitai-a*

A terra que será preenchida completamente pela humanidade deve ser “dominada”. Este verbo  $h'vub . k\bar{i}\bar{w}$  tem o sentido de “*submeter a criação ao domínio*”. Onde ele aparece mais? Em 2º Samuel 8.11 aparece como “*sujeitar reis ou reinos*”. Em Neemias 5.5 e Jeremias 34.11 aparece com o significado de sujeitar alguém para ser escravo ou para servir. O sentido é que a terra deve ser dominada, sujeitada para servir ao homem e não o contrário. Ele foi colocado para sujeitar o seu habitat a um domínio justo que refletisse o Criador.

### 5) *Dominai*

O verbo  $\bar{W}d\bar{r} > \bar{W}$  é complemento do anterior, traz o sentido de “*governar*” (1Rs 4.24). O homem “*sujeita a criação como serva*” e estabelece “*um governo justo*” sob ela para a glória do Criador. Não é um governo com tirania, com exploração irracional e gananciosa, como o ocorre. Vemos que este mesmo princípio ocorrerá no novos Céus e nova terra, onde teremos reis que governarão e levarão sua glória e honra das nações para o Rei dos reis na nova Jerusalém (Ap 21.24-27).

O que todos estes verbos nos auxiliam em nosso entendimento dos mandatos? Revelam que são utilizados no livro de Gênesis e no restante do Pentateuco relacionadas a aliança. Esta relação envolve formação de um povo e domínio sobre outras nações, bem como governo sob a terra, povoando-a para a glória do Criador. Todavia, estes aspectos deveriam ser cumpridos

guiados pelo mandato espiritual. Esta é a razão para tratar primeiro dele, para depois falarmos dos mandatos social e cultural que foram introduzidos com a exposição breve destes cinco imperativos.

### **2.1. Mandato Espiritual**

O relacionamento do homem e da mulher com o Criador é o norteador para os demais aspectos de relacionamento aliancista. Deus é mais glorificado em nós quando somos mais satisfeitos nele e isto afeta tudo que fazemos.<sup>27</sup> O homem era feliz e completo devido ao relacionamento espiritual com o Criador e o culto prestado a Ele uma vez por semana no dia do descanso era o ápice de tudo isso.

Se olharmos os dias da perspectiva de encaixe, temos a criação de um cenário e o complemento dele nos outros dias. Dividindo de três e depois mais três dias:

<b>DIA</b>	<b>DIA</b>
<b>1º Dia</b> - trevas, luz (Gn 1.3-5)	<b>4º Dia</b> – luminares celestiais (Gn 1.14-19)  Criação do sol e da lua
<b>2º Dia</b> – Céus, água (Gn 1.6-8)	<b>5º Dia</b> – aves do ar, animais aquáticos (Gn 1.20-23)  Os animais são criados para povoar o céu e as águas
<b>3º Dia</b> – mares, terra e vegetação (Gn 1.9-13)	<b>6º Dia</b> - Animais da terra, homem e mulher, provisão de alimento (Gn 1.24-31)  Todo o habitat estava pronto para receber a obra prima, o homem e a mulher

<sup>27</sup> PIPER, John. **Uma vida voltada para Deus**. São José dos Campos: Fiel, 2007, p. 21.



O sétimo dia é diferente dos demais. Ele é santificado e abençoado (Gn 2.3). O termo “abençoado” é usado também para referir-se ao homem e a mulher quando foram criados (Gn 1.28; 5.2). Logo, podemos dizer que o homem e a mulher como base original para a formação dos povos e reinos é abençoado, sua união conjugal promoverá a formação futura de famílias e povos. Se Adão e Eva não tivessem desobedecido teriam formado uma família perfeita e desta família povos e nações seriam formados e todos adorariam ao Senhor. Como podemos dizer isto? Por que a nova humanidade em Cristo, que são os crentes redimidos, formarão povos e nações que adorarão na nova Jerusalém (Ap 21.23-27).

O israelita deveria trazer a memória ao guardar o sétimo dia, que o Senhor é soberano sobre o tempo para o descanso. Era um tempo para adorar o Criador conforme suas exigências.

O sétimo dia é separado dos demais para que o SENHOR fosse adorado no jardim no Éden pelo homem e a mulher. É o dia e o local do culto. Logo, este mandato está relacionado a adoração pública do seu povo e não a adoração em particular do servo da aliança. A adoração individual do servo da aliança é feita todo dia, mas o dia do descanso é especial e deve ser feito com o povo e não individualmente.

Após encerrar a obra criadora, o SENHOR disse (Gn 1.31), que tudo era muito bom! É usado o termo hebraico  $\text{בְּאֵי – הַנְּהִי־וַ$  “*e eis que era muito bom*”. Tudo que havia sido planejado, decretado na eternidade foi realizado conforme a vontade do SENHOR. O reino foi criado para manifestação da sua glória e o homem foi colocado nele para o gerenciar e administrar para a glória do Suserano Yaweh. A forma de relacionar com o Suserano seria através dos mandatos estabelecidos no Jardim no Éden.

A adoração começou no Jardim no Éden continuou depois da Queda (Gn 4.3). Após o dilúvio altares foram levantados para cultuar a Deus por Noé (Gn 8.20). Os patriarcas levantaram altares para cultuar ao Senhor (Gn 12.7; 26.25; 28.22; 33.20). O povo de Israel fabricou um Tabernáculo por ordem do Senhor (Êx 40.16-38), simbolizando a presença de Deus no meio do seu povo. Posteriormente vemos Salomão edificando um templo em Jerusalém. O Senhor no meio do seu povo e tendo um local específico para ser encontrado em adoração, porém tudo começou com o jardim no Éden como local para a adoração e terminará com a nova Jerusalém, na qual não terá templo, pois Deus habitará com o seu povo (Ap 21.3).

O Senhor criou o homem e a mulher em um estado de completa bondade, integridade e liberdade. Foram criados para serem filhos do Rei Soberano e como tais deveriam cumprir suas

funções reais. Deus pretendia ter com eles um relacionamento íntimo e pessoal, queria comunhão. Por esta causa, este mandato pode ser chamado de “mandato da comunhão”. O Criador ordenou que um dia fosse separado na semana para o exercício do relacionamento amoroso e comunhão íntima dos vassallos com o seu Suzerano. Neste dia o vínculo de vida e amor deveriam ser desenvolvidos e mantidos.<sup>28</sup>

Moisés apresenta vários pontos teológicos que devem ser destacados e que serviram como instrução para o povo que havia saído do Egito pagão, no momento de adoração. Eles deveriam cultuar crendo que Deus é o Criador de todas as coisas (Êx 20.11). Ele não é apenas o Criador, mas o soberano da terra e dos céus, o provedor do seu povo e sustentador. Quando eles se reuniam no sétimo dia para adorar deveriam celebrar aquele que os tirou do Egito com forte mão e braço estendido (Dt 5.15). Não podemos perder de vista o impacto teológico e didático da narrativa da criação e suas ordenanças para o povo recém saído do Egito.

É a relação com o Criador que determinará os demais aspectos do relacionamento. Estes mandatos estão entrelaçados e visam a glória de Deus. O trabalho ou o relacionamento familiar só tem sentido se forem feitos durante a semana pelo vassallo como uma forma de culto ao SENHOR e o dia do descanso é a expressão dessa sequência de dias de adoração individual. É preciso individualizar para coletivizar.

A adoração coletiva do homem e da mulher era uma expressão de gratidão, de louvor, de exaltação e reconhecimento perante o Criador. Eles deveriam adorar ao SENHOR no dia do descanso aquele que os havia criado perfeitos, harmoniosos, completos e como portadores da sua imagem.

Esse vínculo de amor continua após a queda do homem, mas agora por meio de outro Mediador, a semente da mulher que esmagará a cabeça da serpente (Gn 3.15). A aliança e os mandatos continuam da mesma forma, contudo, o representante mudou e só por meio de sua representação é possível cumprir essa aliança e ter esse relacionamento com o Criador restaurado. O apóstolo Paulo diz que esse Mediador é Cristo, é ele quem nos reconciliou com o Pai (Rm 5.10), justificados e perdoados por meio dele (Rm 5.1-2; Cl 2.11-15).

Na narrativa da criação podemos observar que existem padrões na revelação bíblica dada pelo Espírito Santo através dos autores inspirados que se completam para formar um quadro unificado. Adão pecou e foi apontado um novo representante que é Cristo (Rm 5.12-21), todavia para chegar ao Redentor vários foram usados para tipifica-lo e cada um carregava

---

<sup>28</sup> GRONINGEN, 2002, *passim*.

em si aspectos que somados aos outros tipos de Cristo traziam mais informações para revelar o Verbo de Deus.

O relacionamento com o Criador só é possível por meio do Mediador tipificado por vários personagens no plano redentor, a aliança e os mandatos são os mesmos, porém o instrumento para que seja cumprido esse pacto é outro. Por meio de Cristo somos capazes de praticar o mandato espiritual na medida que despimos do velho homem e nos revestimos do novo através de uma renovação da nossa mente, nos enchendo do Espírito e da Palavra de Cristo (Ef 4.20-32; 5.18; Cl 3.16).

No Pentateuco vemos que esse conceito de amar o SENHOR é claramente ensinado, principalmente no livro de Deuteronômio ao dizer que o povo de Israel deveria amar ao SENHOR de todo o coração, alma, força e entendimento (Dt 6.5). Esta mesma ordenança foi repetida por Cristo em resposta a pergunta do fariseu sobre o principal mandamento da Lei (Mt 22.37). Após falar também sobre o amor ao próximo, Cristo disse algo que precisamos apontar em nosso trabalho (Mt 22.40): *“Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.”* Todo o Antigo Testamento e por consequência o Novo Testamento dependem deste principal mandamento que é o amor ao SENHOR de todo o coração, alma, força e entendimento. Apenas cristãos verdadeiramente regenerados podem desenvolver por meio de Cristo esse relacionamento de vida/amor e um dia poderão desenvolver plenamente esse vínculo perdido no Éden.

O Dr. Daniel Santos em seu artigo: “A plantação da Igreja no Éden” afirma que:

O Éden um lugar especial porque nele Deus se encontrava com o ser humano para ter comunhão com ele, no dia que foi devidamente santificado para esse fim. Alternativamente, poderíamos dizer que o Éden não foi idealizado para ser o habitat do ser humano, mas sim o local de encontro onde criatura e Criador desfrutariam de um interminável relacionamento de amor e conhecimento que seria a fonte inspiradora para o domínio esperado. O habitat do ser humano extrapolava os limites do jardim, indo eventualmente até os confins da terra. O mesmo pode ser dito da relação que temos hoje com o espaço físico de nossa igreja local; aquele não é nosso habitat, mas o local de encontro público de adoração. Conforme as palavras de consagração do ser humano no dia de sua criação, sua missão envolvia o desenvolvimento e manutenção de um domínio sobre toda a terra (Gn 1.28) e não apenas sobre os animais e plantas dentro do perímetro daquele jardim...<sup>29</sup>

O jardim era o lugar de encontro de Deus com o homem, é um local de vida e comunhão. Temos nesse lugar uma mensagem teocêntrica em sua expressão máxima. Logo, o Jardim é de Deus para o homem nele desfrutar de bênçãos e comunhão. É um jardim-

<sup>29</sup> SANTOS, Daniel. A plantação da igreja no Éden. **Fides Reformata**, São Paulo, v. 19, n 1, 2014. p.11.

templo<sup>30</sup>, que representa a presença do Senhor com o homem e a mulher. Este lugar era um local de delícias. O jardim era de Deus e não do homem (Is 51.3; Ez 28.13). O que isto significa? Que o jardim era o palácio do Senhor na terra, assim como foi o templo em Jerusalém e será a nova Jerusalém em novos céus e nova terra. É o lugar onde Deus mora e quer que o homem more com ele.<sup>31</sup>

O Éden era um local de vida, de trabalho e de comunhão. O jardim era a expressão maior da beleza da criação divina, foi plantado pelo próprio Criador com características ainda mais belas que o restante da terra.<sup>32</sup> A criação do jardim foi expressão da bondade de Deus para com a sua criatura, e a reconquista do paraíso (nova Jerusalém e todo o restante do cosmo) será expressão do amor perdoador de Deus para com sua criatura redimida. Mas é importante destacar que o custo da criação do paraíso original não pode ser comparado com o preço do paraíso reconquistado, este último custou o sangue de Deus.<sup>33</sup>

Na narrativa da criação o homem e a mulher foram formados para amarem Elohim de todo o coração, alma, força e entendimento. Esse relacionamento deveria conduzir todos os demais. A sociedade e a cultura deveriam ser desenvolvidos para a glória de Deus e não para a glória da humanidade. A maneira como o homem e a mulher olhariam a criação e o próximo seria sempre através do óculos da revelação da glória de Deus. O Breve Catecismo de Westminster faz a pergunta – Qual é o fim principal do homem? A resposta é objetiva e profunda: O fim principal do homem é glorificar a Deus, e gozá-lo para sempre.<sup>34</sup>

Nos mandatos: cultural e social o homem se relaciona com aquilo que é materializado ou que tem fisicalidade. Contudo, no mandato espiritual o homem se relaciona com um Ser puramente espiritual, imensurável, imutável, todo-poderoso, tripessoal, onipresente e onisciente. Somente por meio de uma mediação isso seria possível, o que ocorre após a Queda. No Éden era uma teofania, como ocorria no Jardim na viração do dia.

A comunhão deveria ser exercida no andar com Deus diariamente, conversar intimamente com ele e expressar amor, honra, devoção e louvor enquanto se fosse enfrentando os desafios e privilégios de cada dia. A cada sétimo dia, está comunhão deveria ser expressada da maneira mais completa e rica possível. Em resumo este mandato trata essencialmente da

<sup>30</sup> SHREINER, Thomas R. 2021, p. 137.

<sup>31</sup> VOS, Geerhardus. **Teologia Bíblica**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 44.

<sup>32</sup> CAMPOS, Heber C. **O Habitat Humano, o paraíso criado**. São Paulo: HAGNOS, 2011, p. 19.

<sup>33</sup> CAMPOS, Heber C. 2011, p. 19.

<sup>34</sup> O CATECISMO Maior de Westminster. São Paulo: Cultura Cristã, 2005, p.07.

relação do Criador com sua criatura, Deus com o homem. É um relacionar com aquele que é Espírito. Um servo prostrado diante do seu SENHOR e soberano pronto a obedecer com gratidão e amor suas ordens.

Moisés registrou esse mandato através de vários momentos, como as cerimônias para adoração, os sacerdotes, o tabernáculo e os levitas. No entanto, no decálogo vemos Deus ordenando ao povo que o adorasse exclusivamente e que separasse um dia da semana, que é o sétimo, para prestar culto e o fundamento, como já foi dito, é a narrativa da criação (Êx 20.1-11). Neste dia especial temos o envolvimento dos outros dois mandatos. Como? O mandato social seria exercido pela comunhão do povo da aliança. O mandato cultural por meio do uso da arte na adoração, da instrução intelectual das leis, dos ornamentos do tabernáculo e depois do templo, tudo envolvia artesãos. O mandato espiritual é o clímax dos demais.

## **2.2. Mandato Cultural**

Existe um habitat criado para os servos do Rei Soberano e estes devem dominar. O homem e a mulher foram criados à imagem do Criador e por isso tinham como responsabilidade dominar a terra para Ele. Teriam que desenvolvê-la e ao mesmo tempo mantê-la com sabedoria. O trabalho é um privilégio para os vassallos como também uma grande responsabilidade.

O texto que fundamentamos esse mandato dentro da narrativa da criação é Gênesis 1.28. Veremos que nesse verso são usados verbos como: *sujeitai-a, dominai*. Esses verbos denotam claramente que o homem deveria sujeitar e dominar toda a criação. Os portadores da imagem de Deus, receberam investidura para exercerem domínio com responsabilidade. No entanto em Gênesis 2.17 é colocado limite de ação do homem e da mulher na criação ao ser proibido que comesse da árvore do conhecimento do bem e do mal. Não é um domínio sem limites ou sem responsabilidades.

Deus colocou toda a criação submissa ao homem para que este a explorasse sabiamente e descobrisse nelas as riquezas da glória de Deus e o honrasse através desse domínio. Falando sobre esse domínio ordenado pelo Criador a Adão e Eva Bruce K. Waltke explica:

O texto está dizendo que exercer domínio real sobre a terra como representante de Deus é o propósito básico para o qual Deus criou o homem... O homem é designado rei sobre a criação, responsável diante de Deus, o Rei último, e como tal esperava-se que administrasse e desenvolvesse e cuidasse da criação, tarefa que inclui obra física real.<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> WALTKE, Bruce K. **Comentário do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 77.

Esse domínio do homem deveria cuidar, guardar e desfrutar da criação e suas relações com o próximo. Uma cultura teocêntrica deveria ser desenvolvida. A arte, a música, a educação, a política, o trabalho em geral, o lazer, a tecnologia, a indústria, a poesia, as matérias de exatas e de humanas e todo o resto deveria refletir a glória do Criador. Por isso, o mandato espiritual é aquele que serve para guiar o cultural e o social.

É importante a esta altura destacar e demonstrar exegeticamente a função dos verbos “sujeitai-a” ה' vub . κ, “dominai” Wdɿ. Curiosamente todos os verbos nesse verso 28 estão no imperativo qal. Significa que são ordens de Elohim para o homem e a mulher, logo são ordenanças ou mandatos. São ordens positivas e não proibitivas.

O primeiro verbo é “sujeitai-a”. Este verbo é usado para falar de subjugar algo, como em Números 32.22: *“e a terra estiver subjugada perante o Senhor...”* Refere-se a um domínio absoluto de algo que foi dado pelo Senhor ao seu povo e no caso de Gênesis 1.28 é a toda a terra. Esse verbo é usado em outras passagens para demonstrar uma subjugação forçada e em alguns casos é usado para a questão sexual referindo-se ao estupro, como em Ester 7.8: *“...Então, disse o rei: Acaso, teria ele querido forçar a rainha perante mim, na minha casa...”* Existe um uso variado do verbo, todavia é mantido a essência, que é o de forçar uma situação para dominar algo ou alguém que apresenta forte resistência. Isto se aplica ao texto em questão revelando que a criação não seria dominada sem resistência e que o homem teria que a sujeitar a força. Também envolve o aspecto que a criação lutaria para dominar o homem e este teria que exercer sua prerrogativa de representante do Criador para dominar.

O ato de subjugar a criação por parte do homem ocorre por causa que ele representa o Criador e tem uma autoridade derivada. O Rei Soberano sujeita ao seu domínio a criação e os Salmos expressam essa soberania ao lembrar os atos do SENHOR na abertura do mar vermelho para o povo passar em seco (Sl 77.14-16). O texto fala das “águas vendo o Senhor e temendo” como uma submissão ao Criador. O mesmo foi realizado por Cristo como Deus encarnado e segundo Adão ao ordenar as águas do Mar da Galileia que aquietasse (Mc 4.39).

Outro aspecto para essa interpretação do uso do termo “sujeitai” é a narrativa da queda em Gênesis 3 quando nos mostra que a serpente que era um ser criado e que deveria ser dominado pelo homem e a mulher, exerce domínio sob eles (Gn 3.1-5). Temos uma clara inversão de papéis em todo esse processo da Queda, onde a serpente iluiu a mulher (1Tm 2.13), e o homem não liderou a mulher. Mas quando o SENHOR vai pronunciar sua sentença

contra os transgressores, homem e mulher, faz na ordem funcional que ele estabeleceu e não como os transgressores fizeram. Ele fala primeiro para Adão (Gn 3.9); em seguida fala com a mulher (Gn 3.13); por último sentencia a serpente (Gn 3.14-15).

Não teria nenhum sentido a ordem de Elohim para que o homem e a mulher subjugasse a criação se esta não apresentasse resistência. É importante dizer que esta resistência não era pecaminosa e nem o domínio feito pelos portadores da imagem de Elohim.

O mandato cultural implicaria em um domínio por mecanismos justos do homem em relação a criação. Como Adão era perfeito utilizaria certamente formas de domínio que manifestaria a glória do Criador. O Mandato Cultural: Deus comissionou os nossos primeiros pais a “transformar” a natureza indomada num meio ambiente social mediante uma formação cultural que está de acordo com o projeto dele. O domínio da criação deveria produzir uma visão de mundo que manifestaria o caráter de Rei Soberano.

A ordem do Criador é para que o homem e a mulher sejam fecundos e multipliquem. Essa multiplicação espalharia o domínio da humanidade na terra e com o tempo toda a vida e todos os recursos seriam sujeitados pelo homem. O pecado trouxe maldição e com isso o homem agora envolvido completamente por ele, utiliza de seu domínio para desenvolver uma cultura que afronta o Criador e corrompe a criação. Somente por meio de Cristo essa criação será restaurada e sujeitada para o seu próprio bem.

O próximo verbo em destaque é o “dominai”. Ele já havia aparecido no verso 26: “...tenha ele domínio...”. Esse termo foi usado em outras partes do Pentateuco para expressar um domínio injusto, como em Levítico 25.43: “...Não te assenhorerás dele com rigor...” No mesmo capítulo é novamente utilizado o verbo para proibir um domínio injusto em relação aos irmãos (25.46): “...mas sobre vossos irmãos, os filhos de Israel, não vos assenhoreareis com rigor, uns sobre os outros.” Em outras passagens ocorre o uso desse verbo como em Levítico 26.17 que o SENHOR diz que permitirá que outras nações dominem o povo de Israel devido a desobediência. Na profecia de Balaão fala do domínio de Israel sob Seir e Edom como uma possessão dada pelo SENHOR (Nm 24.19).

O verbo “dominai” é usado no Antigo Testamento 22 vezes com o sentido de dominar, governar. Em geral o verbo radâ é se limita ao domínio do homem e não de Deus.<sup>36</sup> No Salmo

---

<sup>36</sup> PHILIP, Weber Carl. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 1402.

110.2 revela esse domínio messiânico sob todas as coisas a partir de Sião. Logo, o verbo é utilizado em várias passagens para referir-se a governo tanto de ímpios, sendo instrumento de correção de Deus em relação ao seu povo, como governo de Davi e sua descendência reinando em toda a terra.

O conceito de domínio por parte de Adão em relação a criação ocorre devido o mesmo ter sido criado à imagem do Criador. Sua autoridade é derivada do Senhor e não inata. Quem o estabelece é Deus, um Superior ordenando a outro superior,<sup>37</sup> neste último caso, Adão é superior a todo o resto da criação e o SENHOR é superior a Adão e todo o resto.

Algo curioso a respeito do trabalho no homem dentro do Jardim. No capítulo 2.15 é dito que o homem foi colocado no jardim para “cultivar e o guardar”. O primeiro verbo trás o sentido de servir. É um esforço físico e mental para realização de uma tarefa. Já o verbo “guardar” tem o significado de preservar o jardim em seu estado original. O homem não deveria dominar o jardim e explora-lo conforme fosse sujeitando, mas deveria ser um guardião dele. Este mesmo verbo “guardar” é usado para falar da função dos querubins que foram colocados para “guardar” o caminho da árvore da vida (Gn 3.24). O homem não só guardaria o jardim preservando-o como também descobriria as maravilhas de Deus reveladas em sua beleza e harmonia.

O homem e a mulher deveriam ser os guardiães do jardim e expulsar satanás dele. Como sacerdotes e guardiães do jardim, Adão e Eva deveriam ter expulsado a serpente; em vez disso, ela os expulsa.<sup>38</sup> Ao longo da história temos o testemunho dos ímpios edificando reinos e oprimindo o povo de Deus, com raríssimas exceções como Ciro, que beneficiou o povo da aliança (Is 45.1-7).

O que a narrativa da criação nos revela é que Adão deveria dominar a terra em sua plenitude para a glória de Deus. Esse domínio envolvia primeiramente uma sujeição da criação a ele por meio de uma exploração justa e sábia demonstrando sua realeza procedente do Rei e como resultado seria estabelecido um domínio cósmico que manifestaria o governo do Criador por meio de seus representantes. O processo da execução desses dois verbos

---

<sup>37</sup> DUMBRELL, William John. **Criação, aliança e trabalho**. Crux, [s. l.], v. 24, n. 3, 1988. p. 14-24.

<sup>38</sup> WALTKE, Bruce K.; FREDERICKS, Cathi J. **Gênesis: Comentário do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.



imperativos revela uma ação didática e lógica, primeiro sujeita algo que não quer ser dominado e depois estabelece um governo sob aqueles que foram sujeitados.

O homem ao ser criado à imagem e semelhança do Criador foi dotado de todas as faculdades necessárias para subjugar e dominar a criação de forma sábia e justa. Em cada parte que é explorada é revelada a glória de Elohim. Foi exatamente isto que disse Davi no Salmo 19 ao afirmar que os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anunciam as obras de suas mãos. Paulo afirmou que os atributos invisíveis de Deus podem ser conhecidos por meio da criação (Rm 1.20). Toda a ciência, arte em suas variadas formas, política, tecnologia e outros seriam construídos de uma forma inimaginável por nós. Se somos surpreendidos pelas descobertas e desenvolvimentos feitos pelo homem moderno que é dominado pelos efeitos da queda e pelo pecado em seu caráter, como seria tudo isso sem efeitos da Queda no homem, na criação e sem pecados no coração dos homens?

Quando Cristo voltar todas as coisas estarão sujeitas a ele e sujeitará a si mesmo ao Pai, para que todas coisas e tudo sejam sujeitas a Deus (1Co 15.27-28). No reino de Deus, ter domínio é cuidar do bem-estar de outros. Ter domínio é agir como o mediador da criação. Significa que fomos colocados para sermos mordomos do Criador e nunca explorar ou saquear a criação. Ao contrário disso, em Cristo devemos respeitar e cuidar da criação, delegando poder a ela. O objetivo é vivermos de forma saudável com uma interdependência com ela. A motivação que devemos ter é de fazer tudo isso para a glória de Deus. Somente aqueles que se relacionam com o Criador por meio de Cristo (mandato espiritual) podem progressivamente exercer esse domínio. Um dia o nosso representante, o segundo Adão, restaurará todas as coisas e consumará o seu reino messiânico e com ele herdaremos todas as coisas (Rm 8.17-18).

Vemos em Gênesis 2.8 Deus exercendo este aspecto cultural como modelo para o homem, ao plantar um jardim. Na consumação temos uma cidade edificada e arquitetada por Ele que descerá do céu (Hb 11.10). Apesar do primeiro Adão ter desobedecido a Deus e por isto não cumpriu o mandato cultural em sua plenitude e perfeição, o segundo Adão cumprirá a ordem dada ao primeiro. Ele salvará um povo, dominará a terra e edificará uma civilização que verdadeiramente e perfeitamente honrará ao Pai (1Co 15.22-25).<sup>39</sup>

---

<sup>39</sup> KELLER, Timothy. **Igreja Centrada**. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 181.

Não poderíamos deixar de mencionar a distorção do mandato cultural após a queda, ainda que breve. No capítulo 4 de Gênesis temos os descendentes de Caim desenvolvendo vários aspectos culturais como: urbanização, metalurgia, música, pecuária e agricultura (Gn 4.17-24). Todos estes aspectos culturais foram desenvolvidos para domínio pecaminoso e afronta ao que o Criador havia estabelecido.

No capítulo 6 é dada ordens de Deus para Noé construir uma arca devido ao dilúvio que ocorreria. Construir uma arca para comportar todas as espécies de animais com três compartimentos era uma tarefa quase impossível naqueles dias. A arca construída por Noé revela um desenvolvimento na engenharia naval que apenas recentemente foi repetida com os grandes navios. As caravelas portuguesas com seus 22 metros de comprimento não chegavam nem perto da construção daquele barco feito por Noé. Os famosos barcos vinkings que navegaram por vários oceanos eram de no máximo 28 metros de comprimento por 3 metros de largura. A arca tinha em nossa metragem em torno de 144 metros de comprimento, por 24 metros de largura e 14 metros de altura. Temos ai o mandato cultural sendo desenvolvido para a glória de Deus.

Não vamos ampliar muito as observações a respeito do mandato cultural após queda, mas mencionaremos apenas a formação dos governos formados no intuito de dominar para o homem e não estabelecer um governo para o Criador. O primeiro que podemos destacar é o governo feito por Ninrode ao construir a torre de Babel para tornar o nome do homem celebre na terra (Gn 11.1-9). Após a confusão linguística causada pelo SENHOR nesse ajuntamento, os povos, etnias e nações são formadas gradativamente na terra e com elas suas culturas e dominações diferentes, surgindo com o tempo os impérios com seus imperadores ou faraós. Estes sobem aos tronos com alguns aspectos em comum, como o desejo de dominar e ser adorado pelos dominados; estender seus reinos por toda a terra; declarar que tudo lhes pertencem e serem honrados. Na interpretação do sonho de Nabucodonosor feita por Daniel vemos exatamente essas características em comum entre os impérios: Babilônico; Medo Persa; Grego e Romano (Dn 2). Mas um dia um reino eterno encherá toda a terra e destruirá todos os reinos dos perversos e manifestará a glória de Deus (Dn 7.27).

O mandato cultural ensina que o trabalho não é algo puramente físico, mas uma vocação que deve servir de adoração e serviço ao Criador. É uma maneira de prestar culto individualmente a Deus no dia a dia. Não tem como finalidade principal ganharmos dinheiro ou poder, mas de honrar ao SENHOR através da nossa vocação, dos nossos dons, do nosso

esforço e tempo. Com a desobediência de Adão só podemos obedecer mediante a graça em Cristo. Por esta razão existem alguns mandamentos dentre os dez ordenados pelo Senhor ao seu povo, que falam sobre esses aspectos culturais, como: trabalharás seis dias (Êx 20. 9); não furtarás (Êx 20.15); não cobiçarás (Êx 20.17). O trabalho é bênção e quem não trabalha por preguiça não deve comer (2Ts 3.10).

Encontramos em passagens como Colossenses 3.22 a ordem de Deus para que os crentes obedeam seus senhores como se estivessem obedecendo ao Senhor. Não devem obedecer para agradar a homens, mas na singeleza do coração e por consciência. Ao fazermos isto estamos servindo a Cristo, ainda que soframos injustiças por parte destes senhores. A mesma estrutura encontramos na carta aos Efésios (6.5-9). Em Colossenses esse mandato deve ser obedecido por aqueles em que habita ricamente a Palavra de Cristo (Cl 3.16) e em Efésios naqueles que estão cheios do Espírito Santo (Ef 5.18).

Contudo, a narrativa da criação não fala apenas de trabalho, fala de descanso. Deus fala durante o dia e descansa a noite. Na narrativa vemos Deus trabalhando durante o dia, criando e depois a noite cessando a sua obra para no outro dia começar outra etapa. Após concluir toda a sua obra (Gn 1.31), o Rei Soberano descansa.<sup>40</sup> O homem deve trabalhar e depois descansar para novamente produzir para a glória de Deus. Trabalho e descanso são dádivas do Criador.

### **2.3. Mandato Social**

Na narrativa é apresentado a criação de apenas dois gêneros, macho ( $\text{zakar}$ ) e fêmea ( $\text{neqeba}$ ). Eles são criados para se complementarem fisicamente, emocionalmente e psicologicamente. O sentido de *zakar* enfatiza a diferença sexual dentro da humanidade, a expressão macho tem sua origem no sentido de algo “pontagudo ou afiado”. Já *neqeba* tem o sentido de um “buraco ou cavidade”.<sup>41</sup> O uso destas expressões apontam para a união sexual que promoverá fertilidade (Gn 1.27). Justamente por serem criados macho e fêmea puderam tornar uma só carne (Gn 2.24).

<sup>40</sup> JUNIOR, Cornelius Plantinga. **O crente no mundo de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 43.

<sup>41</sup> GRONINGEN, 2002, *passim*.

O Criador ao olhar para toda a criação, incluindo os dois gêneros humanos, disse que tudo era muito bom (Gn 1.31). Portanto, não existe mais que dois gêneros para a humanidade e a partir da união conjugal entre o homem e a mulher (Gn 2.21-25) a família seria formada nações.

O mandato social é o fundamento do mandato cultural, e o mandato espiritual é o fundamento dos dois anteriores. É a partir de um casamento entre homem e mulher que a sociedade seria formada e a cultura desenvolvida. Todavia, o norteador de todo esse desenvolvimento seria o relacionamento espiritual e pactual do homem e da mulher com o Criador.

A narrativa apresenta o homem como cabeça da mulher, assim como Deus é o seu cabeça. É para o homem que é dada a ordem de não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal e este repassou a ordem para a mulher (Gn 2.16): “*E o SENHOR Deus lhe deu esta ordem:...*” É o homem que deixa pai e mãe para assumir o cuidado e a liderança sob a mulher (Gn 2.24). É com o homem que o SENHOR fala primeiro após a desobediência (Gn 3.9). Isso significa inferioridade da mulher em relação ao homem? De modo algum, ambos foram criados à imagem de Deus (Gn 1.26). Mas o Criador estabeleceu funções diferentes e subordinadas uma a outra, como é dentro do ser triuno de Deus. Funções subordinadas não implicam em superioridade ou inferioridade, mas em harmonia entre as funções.

Falando sobre o mandato social foi dado por que o Criador fez o macho e a fêmea a sua imagem e semelhança. Cada um deveria cumprir o seu papel, onde o macho tinha que reconhecer que a fêmea é carne de sua carne e osso de osso. Os dois são colocados como agentes reais, sendo o homem o líder. Ele tinha que deixar pai e mãe para se unir a sua esposa.

Somente na narrativa da criação encontramos os fundamentos para o casamento e a família que posteriormente nas Escrituras é ampliado e detalhado. Foi o próprio Deus quem instituiu o casamento entre o homem e a mulher e ordenou a multiplicação para a formação da família e posteriormente um povo para si. O livro de Gênesis termina falando que os descendentes de Jacó foram para o Egito em número de 70 pessoas preservadas pela providência divina ao colocar José como governador (Gn 46.26-27; 50.20). O livro de Êxodo inicia mostrando que o povo de Deus multiplicou no Egito (Êx 1.7), mesmo debaixo de escravidão e injustiça e este povo foi libertado através de Moisés. A Escritura termina falando de um povo incontável que enche a terra redimido por aquele que foi tipificado por José e

Moisés, Cristo Jesus (Ap 21.3-4). Em Cristo o mandato social será cabalmente cumprido e pleno.

A promessa feita a Abraão de serem nele benditas todas as famílias da terra (Gn 12.3) encontra como pano de fundo histórico e redentivo a narrativa da criação e a aliança feita com Adão. Após o primeiro representante ter falhado é prometido um novo descendente que removeria as maldições da terra e venceria a serpente (Gn 3.15), do qual sairia uma grande nação. Abraão terá um herdeiro que apontará para o herdeiro de Deus que tornará o seu povo co-herdeiros de uma terra restaurada (Rm 8.17-25).

Os mandatos da aliança ao serem bem entendidos revelam o fundamento para uma visão de mundo correta. É no andar com Deus conforme suas ordenanças que somos transformados em nosso entendimento (Ef 4.23-24) e como resultado nos relacionaremos corretamente com o próximo, amando-os como amamos a nós mesmos (Mt 22.39) e desenvolveremos uma cultura que reflita os valores morais e éticos do cristianismo bíblico.

## CAPÍTULO 3

### A COSMOVISÃO REFORMADA E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Com a Queda toda a natureza do homem foi afetada, sua mente, suas emoções, sua vontade, suas percepções acerca de si mesmo, sobre o mundo, sobre o próximo e principalmente sobre a sua relação com Deus. Uma cultura ímpia é desenvolvida a partir da Queda, uma sociedade pervertida e uma religiosidade distante da verdade religião com o Criador. Apenas aqueles que foram alcançados pela graça tiveram suas mentes transformadas e através da fé na promessa do Redentor puderam desenvolver o mandato espiritual. Os demais mandatos foram desenvolvidos pelos ímpios e muitos foram abençoados nestas relações, todavia, o principal mandato só poderá ser cumprido progressivamente por aqueles que foram alcançados pela graça redentora.

Com a queda diferentes concepções da vida moldaram a cultura e as maiorias dos cristãos caminham nessas direções sem questionar se são influenciadas ou não por elas. Somente uma visão bíblica da realidade é possível se desintoxicar de todo esse lixo cultural e se beneficiar do que é correto e bom presente na cultura e na sociedade.

Visões de mundo diferentes são claramente vistos a partir da desobediência do homem. Abel era justo e buscava obedecer a Deus no exercício dos mandatos da aliança. Ele cuidava do rebanho, mandato cultural (Gn 4.4). Procurava relacionar-se bem com o seu irmão pelo que tudo indica, pois não apresenta resistência quando é chamado para ir ao campo, mandato social (Gn 4.8). Ele adorava ao Senhor no fim de uns tempos, mandato espiritual (Gn 4.3). Já Caim exercia estes mandatos conforme sua cosmovisão, movido por inveja e ciúmes (Gn 4.5-8). Depois de assassinar seu irmão, este homem edificou uma cidade para si, mandato cultural (Gn 4.17) e seus descendentes pervertem o matrimônio casando com duas mulheres, mandato social (Gn 4.23) e se orgulhando de assassinar o próximo por motivos banais. O que está por trás de todas estas ações é a cosmovisão, mas o que é cosmovisão?

### **3.1 Definição do termo cosmovisão**

O termo cosmovisão é a tradução de uma expressão alemã “*weltanschauung*” que significa na língua alemã “*modo de olhar o mundo*”. Esse termo pode erroneamente ser visto como algo puramente acadêmico, como algo sem sentido e sem qualquer importância para a nossa vida. Todavia, cosmovisão é prático e faz parte da nossa realidade, ela é a soma total de suas crenças sobre o mundo, o conjunto de tudo que dirige suas decisões e vida diária.<sup>42</sup>

Cada pessoa tem sua própria cosmovisão, como teve Sócrates, Platão ou Aristóteles, Martinho Lutero, João Calvino, Hitler, Lênin, Stalin, Antônio Gramsci, Martin Luther King, Madre Tereza de Calcutá e tantos outros que influenciaram o mundo positivamente ou negativamente com suas visões que eram semelhantes e algumas totalmente antagônicas. O problema é que a maioria não tem consciência dessas percepções adversas e as vezes amistosas. Compreender a cosmovisão do outro é essencial para entender suas ações.<sup>43</sup>

A nossa cosmovisão é o que pressupomos.<sup>44</sup> Mas o que é uma pressuposição? É supor algo antecipadamente, ter um conceito na mente sobre alguma coisa. Todos temos suposições sobre a vida, futuro, realidade, Deus, Bíblia, alma, corpo e assim por diante. Mas o que forma os nossos pressupostos? Pode ser a cultura, a nossa formação familiar, instrução acadêmica, experiências de vida ou a Escritura. Todas as anteriores atuam com níveis diferentes em nós, mas uma ou outra servirá de crivo para as demais. Você pode usar a experiência como crivo da verdade e formação de seus pressupostos, ou a cultura como meio de entendimento, porém, nenhum desses é seguro para formar nossas opiniões.

A cosmovisão de uma pessoa está ligada ao seu coração, como afirmou James Sire:

Uma cosmovisão repousa nos mais profundos e íntimos recônditos do “eu” humano. Uma cosmovisão envolve a mente, porém,...é uma questão de alma. É uma orientação espiritual mais que uma questão de mente apenas...  
Cosmovisões são, na verdade, uma questão do coração...em termos bíblicos o coração é o “elemento definidor central da pessoa humana. Portanto, uma cosmovisão está localizada no eu – o compartimento central de operação de todo ser humano. É desse coração que procedem todos pensamentos e ações.<sup>45</sup>

<sup>42</sup> COLSON, Charles; PEARCEY, Nancy. **E Agora Como Viveremos?** Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

<sup>43</sup> NASH, Ronald. **Cosmovisões em Conflito**. Brasília: Monergismo, 2012, p. 25.

<sup>44</sup> RYKEN, Philip. **Cosmovisão Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p. 13.

<sup>45</sup> SIRE, James William. **O Universo ao lado, um catálogo básico sobre cosmovisão**. Brasília: 2009, pp. 16-17.

As nossas ações e respostas revelam como vemos o mundo, mostram que a cosmovisão é uma bússola para a nossa vida, nos guiando segundo as nossas crenças. A questão é o que tem moldado a nossa cosmovisão? Para o cristão, é a Escritura que o molda em sua perspectiva existencial. Contudo, para o ímpio é o seu coração e sua mente embrutecidos pelo pecado e alheios a Deus (Ef 4. 17-19). Nesse sentido existe um abismo entre os crentes e os ímpios.<sup>46</sup>

A cosmovisão é uma orientação essencial do coração, que pode estar presente nas narrativas da realidade, ainda que os fatos demonstrem o contrário. São os pressupostos do coração que guiam a visão de mundo e muito destas são inconscientes e outras conscientes. Temos visto muito deste aspecto em nosso tempo, onde pessoas narram a mesma notícia com visões completamente diferentes, ainda que os fatos sejam claros. Leis são interpretadas conforme a narrativa ou ideologia política que rege a mente e o coração do jurista.

Um pressuposto como elemento constitutivo da cosmovisão pode ser percebido por nós ou não. Eles estão presentes em tudo e moldam nossos desejos, emoções e pensamentos. Não pensamos tanto sobre eles, deveríamos examinar cada um pela Escritura, no entanto, pensamos com eles.<sup>47</sup>

Tudo gira em torno das convicções conscientes ou não que dominam o “eu” do indivíduo. A maneira como nos expressamos, as decisões que tomamos, as defesas que fazemos são manifestações do que realmente domina a nossa vida, o que nos faz viver, mover e existir. Portanto, a cosmovisão pode ter pressuposições verdadeiras acerca da realidade, dependendo do ponto de referência para a interpretação dela. Como naturalmente pode-se ter pressuposições falsas por utilizar “lentes” quebradas e inadequadas para enxergar a vida. Mas a cosmovisão de modo simples e resumido é a soma de todas as nossas crenças, é essa soma que nos leva a interpretar a nós mesmos e a realidade que nos cerca.

É preciso ter um crivo imutável, seguro, que não pode ser abalado pelas ondas transitórias da cultura. Esse crivo é a Escritura. Somente ela pode interpretar e formar seguramente a nossa opinião.

---

<sup>46</sup> WOLTERS, Albert M. **A Criação restaurada, base bíblica para uma cosmovisão reformada**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 15.

<sup>47</sup> JUNIOR, Heber C. **Amando a Deus no mundo, por uma cosmovisão Reformada**. São José dos Campos: Fiel, 2019, p. 36.



### **3.2 . Os fundamentos da cosmovisão contemporânea**

Os quatro cavaleiros do ateísmo moderno, como o fundamento de toda compreensão de mundo, são Karl Marx (1818-1883), Sigmund S. Freud (1856- 1939), Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) e Charles Darwin (1809-1882). Estes homens removeram os fundamentos do cristianismo no ocidente e não colocaram nada em seu lugar. Criaram uma maneira de enxergar a realidade tendo como base unicamente a ciência e a filosofia. Essa remoção da religião da vida do homem trouxe um vazio de alma e o caos interno. Ele fala de uma ausência de sentido que o homem tem, e que existe uma busca humana por significado.

O século XIX foi criado uma atmosfera anti cristã gigantesca com o iluminismo, onde cria que a humanidade obterá uma autonomia de Deus e criará uma nova realidade, tendo a razão humana como juiz da verdade onde o homem é a medida de todas as coisas. Estes quatro troncos mudaram o mundo. O que eles têm em comum? Ódio ao cristianismo e combate veemente a toda a ideia de um Criador que governa a história. A ciência, a psicologia, a filosofia e a visão social foram moldadas por estes pensadores ateus.

A cosmovisão bíblica fundamentada na aliança e seus mandatos estão frontalmente em conflito com as cosmovisões do nosso tempo. Como expomos nesse trabalho, essa cosmovisão cristã encontra sua origem na narrativa da criação em Gênesis 1-2. Esses são fundamentos irremovíveis que os quatro pilares da cultura pós cristã tentam a todo custo remover como os reis e príncipes do Salmo 2 são descritos, formando uma conspiração contra o SENHOR e o seu Ungido. Este Salmo diz que os povos imaginam coisas vãs acerca do SENHOR e o seu Ungido, essa expressão usada para falar da imaginação deles é como um *meditar*, usada de forma contrária no Salmo 1.2 – “*medita de dia e de noite*” ou no Salmo 143.5. Ao contrário do justo do Salmo 1 que medita na Lei do SENHOR diariamente, os povos, os reis e os príncipes são governados por uma meditação contra o SENHOR. Os termos usados para “*reinos da terra*” # *r , a , -ykel . m ;* está relacionado a estados, governos que se unem e se levantam para guerrear contra o SENHOR e seu Ungido. O termo usado para “príncipes” traz o sentido de “imponentes”, “arrogantes”, mas aqui parece ser uma designação da arrogância dos governantes, tanto *reis como príncipes*, ou seja, é um conluio deliberado.

O que esses povos, reis e príncipes querem no Salmo 2? Querem *romper os laços*. O sentido é bem forte, é despedaçar intensamente. Esse termo expressa o anseio de um leproso de arrancar a lepra da pele ao coçar. Querem remover Deus e o seu Ungido como se estes fossem

um lepra. Sentido de aprisionamento (Sl 107.14). Eles se sentem aprisionados por Deus, querem viver em conformidade com seus desejos e vontades. A consciência os aprisiona como um tribunal de acusação e defesa (Rm 2.15-16).

Qual é a reação do SENHOR? Ele zomba deles: “*Ri-se aquele que habita nos céus*”. O sentido literal é “*aquele que se assenta ou habita nos céus*”. Como a visão de Isaías que viu o Senhor no alto e sublime trono (Is 6.1-3). O sentido dessa “risada” de Deus é expressada no Salmo 37.12-13; 59.8. É uma zombaria que o Senhor faz deles. Os justos também darão risadas (Sl 51.5-7). O nome para Deus aqui é “*Adonai*”, o Soberano, o Governador dos céus e da terra, um claro contraste com os soberanos que conspiram contra Ele e o seu Ungido. A expressão “*zomba*” é usada para falar da zombaria que os ímpios fariam a Cristo (Sl 22.7), mas aqui é o Senhor que zombará deles.

Queremos destacar três aspectos do Salmo 2 para o nosso trabalho: 1) existe uma conspiração dos povos e governantes contra o SENHOR e o seu Cristo; 2) essa conspiração tem a finalidade de buscar uma vida de suposta liberdade moral; 3) essa conspiração não terá sucesso pois é ridícula perante o poder e a glória do SENHOR. O restante do Salmo fala da ira do SENHOR sobre estes conspiradores, da herança dada ao Ungido e da oportunidade de arrependimento para esses perversos antes do juízo.

No livro de Eclesiastes o pregador fala sobre a busca por significado na vida através do trabalho, do conhecimento, do prazer sexual, da riqueza, e o que o autor enfatiza é o correr atrás do vento e a fadiga (Ec 1.17; 2.11,17), onde a vida vista apenas no plano horizontal é sem sentido, vaidade. A conclusão dele no livro é manifestado no final de sua reflexão (Ec 12.13): “*De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem.*”

A pluralidade mais perigosa para a saúde da igreja, que é a pluralidade filosófica ou hermenêutica. Esse pluralismo não aceita que alguma verdade, ideologia ou religião esteja acima de outra. O único credo absoluto é o credo do pluralismo. É um espírito de *desconstrução cultural*. Essa nova hermenêutica pluralista não usa recursos objetivos para interpretação, mas apenas instrumentos subjetivos, logo, toda a interpretação, tratando-se da Bíblia, é relativizada pelo subjetivismo. A hermenêutica conservadora pertence à era “*moderna*” em que a ciência, a erudição e o estudo sério eram o pensamento capaz de resolver a maioria dos problemas, de responder à maioria das perguntas e de entender toda a realidade. A hermenêutica radical, em

contraposição, reconhece a subjetividade da interpretação e o quanto ela é modelada pelas culturas e subculturas a que o interprete pertence.<sup>48</sup>

Existe em nosso tempo uma tentativa constante de desconstrução de tudo que é antigo, passado, e a construção disfarçada de um novo tempo sem eixo, sem rumo, aliás, o rumo e o eixo continua sendo o homem, mas não tendo como eixo o soberano Deus e sua Palavra.

A nossa cultura, envolvida por esses pressupostos falsos construídos sob mentiras de pseudos ciências e filosóficas, é na realidade uma expressão do desejo humano de ser autossuficiente. Esse desejo vem desde a Queda, quando homem envolvido pela sedução de Satanás, achou que seria igual a Deus, conhecedor do bem e do mal (Gn 3.5-7). O texto narra que o resultado não foi aquele esperado pelo homem e a mulher, como Satanás havia prometido (Gn 3. 8): Quando ouviram a voz do Criador, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do SENHOR Deus, o homem e sua mulher, por entre as arvores do jardim. Logo, essa luta por ser independente do Criador vem desde a queda. Apenas mudou de nome e forma, mas as tentações nessa área continuam. O homem demonstra com seus conceitos morais e ações que é o caminho para a auto realização, mas a autonomia humana está longe de ser o caminho para a autorrealização, é, em si mesma, uma distorção daquilo que é humano.

A Confissão de Fé de Westminster (IX, 3) assim declara acerca do homem após a Queda e os efeitos do pecado em sua natureza:

O homem, ao cair no estado de pecado, perdeu inteiramente todo o poder de vontade quanto a qualquer bem espiritual que acompanhe a salvação; de sorte que um homem natural, inteiramente avesso a esse bem e morto no pecado, é incapaz de, pelo seu próprio poder, converter-se ou mesmo preparar-se para isso.<sup>49</sup>

A cultura desenvolvida pela cosmovisão dos ímpios é um culto ao homem. Como a raiz da palavra é da mesma da expressão culto, revela o que faz parte de sua essência. O fato é que toda a cultura reflete um determinado culto ou cultivo de valores morais e éticos ou formas de pensamentos. A cultura é a linguagem exteriorizada do ser, acumulada, aperfeiçoada e transformada ao longo dos séculos.<sup>50</sup>

O mundo está desmoronando moralmente devido a essas colunas frágeis chamados niilismo, marxismo, evolucionismo e psicologia freudiana. A filosofia e a ciência devem, assim

---

<sup>48</sup> WOLTERS, Albert M. p. 19

<sup>49</sup> A CONFISSÃO de Fé de Westminster. São Paulo: Cultura Cristã, 1997. p. 57.

<sup>50</sup> COSTA, Hermisten M. **Introdução à educação cristã**. Brasília: Monergismo, 2013. p. 37.

como a teologia, voltar-se para as Escrituras em busca luz. Mas para fazê-lo, elas devem pedir o auxílio da teologia.<sup>51</sup>

O homem vive no século XXI perdido existencialmente, buscando significado para a vida através de prazeres transitórios que servem apenas para aliviar temporariamente a dor da alma, como morfina que não cura a pessoa do câncer, mas traz alívio momentâneo da dor causada pela doença. Como não acredita em um centro fixo, vive conforme os seus sentimentos, desejos, prazeres, que lhe trazem alegrias temporárias, mas aumentam o vazio no seu coração.

Comentando sobre esse vazio no coração do homem que só Deus pode preencher, McGrath diz:

Deixar de relacionar-se com Deus é deixar de ser completamente humano. Ser realizado é ser plenificado por Deus. Nada que não seja o próprio Deus pode esperar tomar o lugar de Deus. Assim mesmo, por causa da decadência da natureza humana, há hoje a tendência natural de se tentar fazer com que outras coisas preencham essa necessidade. O pecado nos afasta de Deus e nos leva a pôr outras coisas em seu lugar. Essas vêm para substituir Deus. Elas, porém, não satisfazem. E, como a criança que experimenta e expressa insatisfação quando o pino quadrado não se encaixa no orifício redondo, passamos a experimentar um sentimento de insatisfação. De alguma forma, permanente em nós a sensação de necessidade de algo indefinível de que a natureza humana nada sabe, só que não o possui.<sup>52</sup>

A vida só tem sentido, significado e conteúdo quando vivida em Deus por meio do Evangelho. Todo o resto que se propõe fornecer conteúdo, significado e sentido é palha que o vento dispersa. A vida sem Cristo causa cansaço e sobrecarga, somente através do discipulado feito por ele é que encontramos alívio progressivo até o alívio absoluto que ocorrerá na consumação (Mt 11.28-30).

A cultura não é produzida por Deus, mas pelo homem. Deus criou o habitat, o homem e estabeleceu os padrões morais e éticos para que o seu representante pudesse desenvolver o seu domínio representativo na criação. O tomate não tem significado cultural, todavia a pizza tem ou a macarronada com molho de tomate. A criação é o que Deus faz; cultura é o que nós fazemos. O ímpio produz uma cultura anti cristã com os recursos que Deus criou, é uma completa injustiça e incoerência.

O Evangelho antes de qualquer coisa é uma mudança de mente, de coração. Transforma o escravo do pecado em escravo de justiça (Rm 6.18). O ímpio é escravo de si mesmo, do Diabo e do mundo, e, portanto, vive imoralmente como resultado desse alicerce. A função mais importante da revelação especial após a queda não está na correção e na renovação da faculdade

<sup>51</sup> VAN TIL, Cornelius Van. **Apologética Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p.51.

<sup>52</sup> COSTA, Herminsten M. 2017, p. 40.

de percepção de verdades naturais; ela consiste na introdução de todo um novo universo de verdade em relação a redenção do homem, afirmou Vos.<sup>53</sup>

Nem o ímpio e nem o cristão é neutro em seus pensamentos e caráter, agem em conformidade com sua natureza e não movidos pela realidade pura e simples. A realidade que a cerca tem poder de influência, mas é sua natureza que determina as escolhas e a sua interpretação do externo.

O crente devido ao seu alicerce que é Cristo é influenciado e guiado pelo Evangelho em todas as áreas de sua vida. O teólogo e político Abraham Kuyper ansiava pela influência do Evangelho em todas as esferas da vida, o que revela o domínio do Evangelho em sua percepção da existência:

Um desejo tem sido a paixão predominante de minha vida. Uma grande motivação tem agido como uma espora sobre minha mente e alma. E antes que seja tarde, devo procurar cumprir este sagrado dever que é posto sobre mim, pois o folego de vida pode me faltar. O dever é este: Que apesar de toda oposição terrena, as santas ordenanças de Deus serão estabelecidas novamente no lar, na escola e no Estado para o bem do povo; para esculpir, por assim dizer, na consciência da nação as ordenanças do Senhor, para que a Bíblia e a Criação deem testemunho, até a nação novamente render homenagens a Deus.<sup>54</sup>

Fazendo um paralelo completamente oposto a visão de Kuyper, o ateuista Richard Dawkins expressa o seu alvo de libertar as pessoas da “religião”, por entender e interpretar a realidade como sendo prejudicada pela religiosidade:

Se este livro funcionar do modo como pretendo, os leitores religiosos que o abrirem serão ateus quando o terminarem. Quanto otimismo e quanta presunção! É claro que fiéis radicais são imunes a qualquer argumentação, com a resistência erguida por anos de doutrinação infantil executada com técnicas que levaram séculos para amadurecer...Entre os dispositivos imunológicos mais eficazes está a temerosa advertência contra o simples ato de abrir um livro como este, que certamente é obra de Satã. Mas acredito que há muita gente de mente aberta por aí: pessoas cuja doutrinação infantil não foi tão insidiosa, ou que por outros motivos não “pegou”, ou cuja inteligência natural seja forte o bastante para superá-la. Espíritos livres como esses devem precisar só de um pequeno incentivo para se libertar de vez do vício da religião. No mínimo, espero que ninguém que tenha lido este livro ainda possa dizer: “Eu não sabia que podia.”<sup>55</sup>

O contraste entre esses dois pensadores é evidente, um crente e outro ímpio. Os dois desejando mudar o mundo com suas crenças e fundamentos. Esse contraste percorre toda a Bíblia e conseqüentemente toda a história até a consumação. Andar com Deus envolve enxergar o mundo de acordo com a vontade dele revelada na aliança, o contrário disso é impiedade.

<sup>53</sup> VOS, Geerhardus, 2010, p. 35.

<sup>54</sup> KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p. 11.

<sup>55</sup> DAWKINS, Richard D. **Deus um delírio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, pp. 29-30.

### **3.3. A cosmovisão bíblica como instrumento de interpretação da realidade**

Somente o Evangelho pode abrir os olhos dos cegos existenciais e conduzi-los à verdade sobre si mesmos e sobre a realidade que estão inseridos. Nenhuma ciência humana, pensamento filosófico é capaz de redimir o homem, de apresentar um caminho seguro e um alicerce firme que possa sobreviver a todo e qualquer tipo de intempéries da vida. Apenas a Escritura pode redirecionar o homem em seus relacionamentos, com Deus, com o próximo e com o mundo.

As perversões morais do homem decorrem da Queda e não de impulsos sexuais que não foram devidamente verificados, como pensava Freud.<sup>56</sup> A negação de um mau inerente à natureza humana é uma maneira moderna do homem se esconder de Deus. Na realidade, em seu coração existe um desespero por abafar a culpa e provar para si mesmo que é não é tão ruim, como a realidade e a Escritura diz que é.

A lei de Deus revelada nas Escrituras serve como uma linha de prumo que mostra o caráter do homem desaprovado pelo Senhor. Mas a Lei não revela apenas os erros do homem, revela antes disso, o caráter santo de Deus. É esse referencial absoluto moral que deixa evidente as trevas em nosso coração.

Somente a cosmovisão bíblica pode fornecer a interpretação correta para as nossas relações com Deus, com o mundo e com o próximo. Logo, a aliança revelada desde a criação e mantida através de Cristo após a Queda pode estruturar nossa visão de mundo. É no cumprimento dos mandatos do pacto que agradaremos ao Senhor e seremos felizes em nossas relações. É vivendo a aliança que seremos instrumentos para impactar a cultura e a sociedade com o Evangelho do Redentor.

O homem é uma criatura e como tal depende totalmente do seu Criador. Ele embora busque autonomia para si, é dependente em todos os aspectos de Deus. Ser criatura significa que não podemos mover um dedo ou pronunciar uma palavra à parte de Deus. Também significa que Deus é o oleiro e nós o barro, e nos formou conforme o beneplácito da sua vontade (Rm 9.21).<sup>57</sup>

Por outro lado, o homem é também uma pessoa e como pessoa tem uma autonomia relativa. Ele é um ser pensante, não tem sua mente dominada por Deus ao ponto de não ter consciência, contudo, sua “independência” é relativa, porque a soberania do Criador limita suas ações sem forçar sua vontade. O homem pode tomar decisões diárias, como mover seus dedos, pronunciar as palavras que deseja, relacionar-se com quem quiser, fazer o que desejar em

<sup>56</sup> CRAMPTON, W. Gary. **The Trinity Review**. Unicoi, Tennessee, 1994.

<sup>57</sup> HOEKEMA, Anthony. **Criado à Imagem de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 1999, p.17.

relação a sua profissão, casamento e família. Todavia, todas estas decisões são tomadas dentro da vontade soberana de Deus, seja a vontade secreta, seja a vontade revelada.

Há um sentido em que o homem é o representante de Deus no planeta. Isso é o que significa a afirmação que o homem foi criado à imagem do Rei Soberano. Ele está no lugar de Deus, o lugar de domínio, com respeito ao resto da vida neste planeta. Uma cultura deveria ser desenvolvida a partir desse domínio.

A humanidade foi dada a posição de cabeça federal sobre a terra. Foi por causa disto que a queda do homem afetou todo o restante da criação. Quando o homem pecou, o resto de criação caiu com ele, porque estava debaixo do seu domínio. Se a humanidade recebeu a posição de domínio sobre o restante da criação, então aqueles que já foram regenerados têm a obrigação e a responsabilidade de exercer domínio e cuidar daquilo que lhe foi confiado visando a glória de Deus. Quem deve cuidar das obras das mãos de Deus é o crente. Esse é seu dever para com a natureza. Foi confiado a ele o cuidado com as obras das mãos de Deus.

O desenvolvimento da política, trabalho, educação, artes, lazer, tecnologia, indústria e quaisquer outras áreas deveriam se desenvolver debaixo dos princípios estabelecidos pelo Criador aos seus representantes na terra. Muito podemos aprender com esse mandato cultural, pois nos ensina que o cristão precisa se envolver com a cultura, desenvolver para a glória de Deus.

### **3.4. Qual deve ser a postura da igreja no século XXI?**

A problemática toda em nosso tempo gira em torno de ausência de uma mentalidade cristã na sociedade. O cristão moderno segue a moral cristã e ética bíblica, mas na qualidade de ser pensante, o cristão moderno sucumbe diante da secularidade, aceitando um quadro de referência construído pela mente secular e um conjunto de critérios que espelham avaliações seculares.<sup>58</sup> É preciso desconstruir esse quadro secular com a Escritura, aplicando a aliança e seus mandatos nessa reconstrução.

A igreja reformada tem muito zelo em obedecer o mandato espiritual, prestar um culto bíblico ao Senhor aos domingos, no dia do descanso. Todavia, muitas tem falhado em ensinar e treinar seus membros para praticarem os outros dois mandatos durante a semana. Caso isso fosse feito, teríamos sem dúvida alguma, impactos profundos na sociedade e cultura. A

---

<sup>58</sup> PEARCEY, Nancy. **Verdade Absoluta**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 36.

sociedade experimental a influência de mentes guiadas pelo Evangelho e a cultura teria outros exemplos acadêmicos, artísticos, científicos e filosóficos, como no passado ocorreu na Europa por meios dos reformados.

O cristão ao andar na aliança cumprindo suas ordenanças deve se envolver com grupos sociais já existentes onde possa influenciar com uma visão de mundo bíblica. Grupos que causem impactos na sociedade e na cultura, em partidos políticos, sindicatos, associações, locais onde possa influenciar.

Os países onde a Reforma floresceu desenvolveram-se com base nos três mandatos da aliança, ainda que não fossem nominalmente referidos por muitos teólogos, a sua visão de mundo refletia essa prática. Após o período dos reformados na Europa surgiram grandes pensadores em diversas áreas do conhecimento, que foram influenciados direta ou indiretamente pela cosmovisão reformada, como por exemplo o conhecido Adam Smith, considerado o pai da economia moderna.<sup>59</sup>

As questões sobre a vida e seu sentido fazem parte da indagação de todo ser humano religioso ou não. A filosofia desde os seus primórdios vem discutido essas questões e apresentando suas proposições. Não é diferente em nossos dias, as mesmas dúvidas e busca pela verdade tem sido o alvo da filosofia e da ciência. Nesse processo de busca, o cristianismo propõe respostas completamente opostas à do pensamento contemporâneo, os quais tem outros fundamentos cosmológicos.

Infelizmente é notório o desprezo pela verdade, pelo padrão, pela ortodoxia, pelo estudo das Escrituras e da teologia praticado pela igreja contemporânea. Existem exceções, mas infelizmente são cada vez mais raras. O retorno ao gnosticismo e agnosticismo tem crescido. A igreja precisa fornecer estrutura espiritual, intelectual e moral para os seus membros. Os alunos da Escola Dominical precisam encontrar respostas bíblicas e lógicas para combater na segunda-feira esses ataques culturais e morais. Não podemos nos esconder em nosso castelo eclesiástico, e tampar nossos ouvidos para os gritos de fora do castelo.

A construção da cosmovisão reformada tem como fundamento irremovível a Escritura. O Juiz supremo de verdade é o Espírito Santo falando por meio da Escritura, como declara a Confissão de Fé de Westminster (I, X):

O Juiz Supremo, pelo qual todas as controvérsias religiosas têm de se determinadas, e por quem serão examinados todos os decretos de concílios, todas as opiniões dos antigos escritores, todas as doutrinas de homens e opiniões particulares, o Juiz

---

<sup>59</sup> CONSTANTINO, Rodrigo. **Pensadores da liberdade**. Barueri: AVIS RARA, 2021, p. 48.



Supremo, em cuja presença nos devemos firmar, não pode ser outro senão o Espírito Santo falando na Escritura.<sup>60</sup>

Nenhuma opinião, controvérsias ou poderíamos dizer dentro do nosso estudo, nenhuma cosmovisão que não esteja em acordo com a Escritura, não procede do Espírito Santo. Logo, a cosmovisão reformada é totalmente envolvida e limitada pela Palavra de Deus.

Os relacionamentos sociais e culturais são regidos pelo relacionamento com Deus. A sociedade e a cultura devem ser interpretadas a partir de uma vida com o Senhor e não o contrário. Quem estabelece os critérios e as normas éticas e morais, não é o nosso tempo, mas sim o nosso Deus através da sua Palavra.

O Evangelho é a força vital do cristianismo e proporciona o fundamento para confrontar a cultura. A mensagem do Evangelho é uma ofensa ao mundo. Por quê? Por que ele confronta as práticas imorais e rebeldias a Deus são inevitáveis.<sup>61</sup> A igreja movida pelo Evangelho não pode se acomodar diante da cultura e dos seus valores imorais. Se somos realmente bíblicos, a nossa pregação deve ser naturalmente considerada uma ameaça e uma ofensa as estruturas culturais construída pela cosmovisão ímpia (At 17. 6; 17.32).

É relatado que João Calvino estimulava os membros de sua igreja que frequentassem assiduamente a igreja aos domingos para prestarem culto a Deus. Contudo, durante a semana os estimulava a se relacionar corretamente com suas famílias, com os trabalhos, os vizinhos e colaboradores. Chegava ao ponto de trancar as portas da igreja, para que os membros não utilizassem as paredes da igreja como um meio de fugir de suas responsabilidades semanais no mundo.<sup>62</sup>

Essa posição aparentemente radical de Calvino, expressa a cosmovisão reformada de não permitir que a vida de culto do povo de Deus seja usada para isolar da realidade da vida, mas aplicada a cada momento. Muitos podem se refugiar entre as paredes do templo para se esconder de suas reais obrigações no cotidiano. O culto dominical deve servir como instrumento de adoração ao Senhor, instrução da Palavra, e comunhão do povo de Deus, visando a nossa santificação em Cristo. Nesse sentido, o que aprendemos no domingo e meditamos na Palavra semanalmente, deve ser aplicado a nossa vida como um todo, moldando a nossa forma de ver a vida e relacionar com ela.

---

<sup>60</sup> A CONFISSÃO de Fé de Westminster, 1997, *passim*.

<sup>61</sup> PLATT, David. 2016, p. 19.

<sup>62</sup> PIPER, John; DAVID, Mathis. **Com Calvino no Teatro de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

O relato da criação continua sendo uma ofensa para o nosso tempo, assim como foi na época de Moisés no Egito. A afronta inicial do evangelho é que há um Deus com o qual, por meio do qual e para o qual todas as coisas começam. A roupagem da idolatria mudou, mas o homem continua idolatra em sua essência, buscando a redenção no escuro do seu coração e mente.

O Criador é o centro da história, governa a história e manifesta seus planos no palco da história. A vida humana não é um acidente, e nem caminha para um destino sem sentido e cego, mas cumpre o plano de um Criador supremo e sábio. Uma visão incorreta sobre a origem de todas as coisas desencadeará em um processo destrutivo para o homem e sua relação consigo mesmo, com o mundo e com o próximo.

O Criador estabeleceu uma aliança com ordenanças. Por meio de Cristo podemos desenvolver uma visão de mundo cada vez mais clara e correta, tendo os nossos olhos abertos para a verdade revelada. E a única forma disso acontecer é andar como Cristo andou (1 João 1.5-6):...*Nisto sabemos que estamos nele: aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou.*

Quando cumprimos os mandamentos de Deus na cultura, estamos andando em Cristo. O contrário também é verdade. Quando nos relacionamos com o próximo de forma bíblica, estamos fazendo isto através de Cristo. Quando adoramos ao Criador fazemos por meio do Mediador.

Quando andamos na aliança estamos impactando onde vivemos com o poder de Deus. As nossas escolhas revelam o nosso caráter, como corretamente declarou Colson sobre os efeitos das nossas escolhas motivadas por nossa cosmovisão:

...Em toda ação, estamos fazendo uma de duas coisas: ou estamos ajudando a criar o inferno na terra ou trazendo para cá o antegozo do céu. Ou estamos contribuindo para a condição despedaçada do mundo ou estamos participando com Deus na transformação do mundo para refletir a sua justiça. Ou estamos fazendo avançar o regime de Satanás ou estamos estabelecendo o Reino de Deus.<sup>63</sup>

A luta cultural não está circunscrita a questões como aborto ou homossexualidade, mas uma guerra de cosmovisões. Esses são apenas os conflitos localizados. A verdadeira guerra é uma luta cósmica entre a cosmovisão cristã e as várias cosmovisões seculares e espirituais que estão em ordem de combate contra ela. Isso é o que devemos entender se

---

<sup>63</sup> COLSON; PEARCEY, 2015, p. 31.

vamos ser efetivos tanto em evangelizar nosso mundo hoje, como em transformá-lo para refletir a sabedoria do Criador.<sup>64</sup>

O Reino de Deus é domínio dinâmico e ativo de Deus na história humana por meio de Jesus Cristo, cujo propósito é a redenção do povo de Deus do pecado e dos poderes demoníacos, e o estabelecimento final dos novos céus e nova terra, esclarece o teólogo Hoekema<sup>65</sup>. Esse reino não é apenas dentro de nós, mas através de nós. O Senhor reina e sempre reinará sobre tudo que foi criado, inclusive sobre o Diabo, os demônios, o inferno. Não existe território, espaço, domínio, que não esteja sob a autoridade absoluta do Senhor. Quando o Reino de Deus se manifestar plenamente seremos reis com Cristo sobre tudo que foi criado, vivenciando um reinado pleno de justiça, paz e harmonia.

Em Cristo seremos totalmente restaurados. Isso já começou por meio da nossa santificação, mudando a nossa forma de enxergar a nós mesmo, o próximo e o mundo. Um dia veremos as coisas como elas são realmente, sem as marcas e distorções causadas pelo pecado e os efeitos da Queda.

Enquanto isso, aguardamos ansiosamente a manifestação da glória que em nós será revelada (Rm 8.18). Em nossa caminhada em Cristo devemos nos relacionar com ele em amor e gratidão, e como manifestação dessa comunhão, temos que impactar a sociedade e a cultura. Não podemos nos conformar com este século e não ter amor por ele, porque tudo que há nele é transitório e nós desejamos o que é eterno e perfeito (1Jo 2.15).

O escritor John Stott escrevendo sobre as possíveis reações que podemos ter diante da realidade que nos cerca e confronta, afirma que são apenas duas: fuga ou envolvimento. Ele mostra que a convivência apenas dentro da igreja é cômoda e preferível para muitos, do que o ambiente indiferente e hostil lá fora. Nesse processo, ele afirma, muitos cristãos fazem incursões casuais no território do inimigo, sendo esta a mais comum, para em seguida retornar para o nosso castelo eclesiástico. Quando estes cristãos voltam para o seu castelo e puxam a ponte levadiça, tampam até os ouvidos para os clamores daqueles que batem no portão.<sup>66</sup>

Contudo, existem aqueles que saem do castelo e enfrentam esse inimigo em seu próprio terreno hostil, no poder do Espírito Santo. O nosso modelo perfeito é Cristo que pregava o Evangelho do Reino, ensinava e curava enquanto entrava nas cidades e povoados (Mt 9. 35-

---

<sup>64</sup> Ibid, p. 36.

<sup>65</sup> RIDDERBOS, Herman, 2010, p.57.

<sup>66</sup> STOTT, John. **Os Cristãos e o Desafios Contemporâneos**. Viçosa: Ultimato, 2006, pp. 24-25.

38). A sua mensagem confrontava a cosmovisão judaica de Reino e esperança escatológica. Ele revela que os atos redentivos de Deus na história apontavam para ele, sendo ele o clímax de tudo:

Quando Jesus veio, anunciou que ele próprio era o objetivo dessa narrativa redentora, o clímax da impressionante atividade de Deus. Tal afirmação causou surpresa total. Jesus não era somente mais um rabino oferecendo alguns novos ensinamentos religiosos ou éticos mediante os quais alguém poderia enriquecer a própria vida. Ele afirmou que em sua pessoa e obra o sentido da história e do próprio mundo estava se tornando conhecido e se completando. Ele advertiu que todas as pessoas precisam encontrar seu lugar e significado na narrativa dele e em nenhuma outra.<sup>67</sup>

Temos que entrar nas universidades, nas escolas de ensino fundamental e médio ensinando com a cosmovisão cristã. Necessitamos de políticos, artistas, filósofos, apologetas, músicos, cineastas, escritores, sociólogos, arqueólogos, cientistas, educadores, jornalistas, juízes, advogados, médicos,... que atuem em suas vocações com uma cosmovisão bíblica. Não defendemos a redenção da cultura antes da volta de Cristo, mas a obediência aos mandatos da aliança para a glória de Deus e para o bem do seu povo. Independentemente dos resultados de nossas ações em obediência a aliança, devemos viver pela fé como foi ordenado a Habacuque (Hc 2.4). Ainda que as coisas piorem, que a economia entre em profunda crise, que a moral da sociedade se deteriore mais ou que tenhamos um governo comunista, confiaremos no SENHOR, pois Ele é a nossa força e fortaleza (Hc 3.16-19). O que realmente importa é ser achados fiéis ao Deus da aliança.

---

<sup>67</sup> GOHEEN, Michael W.; BARTTHOLOMEW, Craig G. **Introdução à Cosmovisão Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2016

## CONCLUSÃO

O filme premiado de Steven Spielberg lançado em 1993 conta a história real do empresário Oskar Schindler que envolvido pelo sofrimento dos judeus na Alemanha nazista faz todo o esforço para salvar o máximo possível. Oskar viveu até 1974 era um industrial alemão que salvou da morte em torno de 1200 judeus durante o holocausto na Polônia. Semelhantemente temos a história retratada em filme da Milada Horáková, uma militante feminista da Tchecoslováquia, que lutou contra a implantação do nazismo em seu país e por isso foi posteriormente presa junto com seu esposo e torturada. Após a derrota do nazismo para o comunismo soviético essa mulher corajosa se opôs ao comunismo em seu país por entender que o comunismo era o nazismo de volta.<sup>68</sup> Ela foi novamente presa, só que pelo comunismo e por este foi mais duramente torturada física e psicologicamente, sendo sentenciada a morte por enforcamento sob a acusação de prejudicar a democracia de seu país e sua reconstrução após a Segunda guerra mundial.

O que estes dois casos expressam? As ideologias sejam políticas, filosóficas ou religiosas são destrutivas e hostis a tudo que tenha qualquer oposição ao seu pensamento. O cristianismo não pode ser igualado a qualquer pensamento humano, por mais belo que pareça. Vimos nesse trabalho que os quatro pilares da cultura pós cristã do século XXI é formada por: marxismo, niilismo, darwinismo e psicologia freudiana. Esses quatro se unem contra um inimigo em comum, a cosmovisão cristã. Não existe tolerância neles em relação a visão bíblica de moral, ética ou liberdade de expressão. As escolas, universidades, a mídia estão envolvidas por estes pensamentos anti cristãos e nossas igrejas estão sob ataque cultural constantemente.

A cosmovisão bíblica é a única verdadeira e segura para o homem. Ela tem como fundamento a Escritura a qual revela a aliança e os seus mandatos. Nos dois primeiros capítulos da Bíblia a narrativa da criação é apresentada ao leitor e nela encontramos os elementos essenciais da aliança e a maneira como esta aliança deve ser praticada. O homem foi colocado pelo Criador para relacionar-se com a esposa e formar uma família, um clã, uma civilização e um povo para Deus. Também deveria dominar a terra, subjugar a criação expressando o domínio do seu Suserano e criando uma cultura que o glorifique. Estes dois relacionamentos

---

<sup>68</sup> Fala da personagem que representou Milada no filme: Milada

deveriam resultar do relacionamento espiritual do homem com Deus, este norteado por ele vínculo de amor interpretaria toda a realidade e os demais relacionamentos.

Contudo, com a Queda do homem ocorreu a desfiguração da imagem de Deus nele e este agora domina a criação para si e não mais para o Criador. Seu relacionamento social é distorcido e toda a interpretação da realidade machada pela rebeldia. Uma nova realidade é construída pós queda e a única maneira de mudar isso é por meio do Redentor. Os servos da Aliança tem um novo representante, um novo Mediador (Gn 3.15) e através dele todo o cosmo será restaurado e os servos da aliança de todos os tempos. Enquanto isso não ocorre é preciso que estes servos caminhem fiéis ao Deus da aliança cumprindo os mandatos através de Cristo.

A igreja precisa compreender isto e viver em conformidade com esta aliança que iniciou no Jardim do Éden. Quais serão os resultados da nossa obediência? Não sabemos, mas uma coisa podemos dizer com certeza, que o Senhor será honrado e glorificado por nossas ações. Vidas e sociedades, bem como culturas inteiras podem ser afetadas pela cosmovisão cristã como ocorreu no período da reforma protestante.

A obediência aos mandatos não é uma opção para o povo da aliança, é uma ordem do Criador. Logo, a desobediência é pecado e colhemos consequências disto. Quais? Uma sociedade imoral e uma cultura imoral e anti cristã. Vivemos um cativeiro na Babilônia devido a nossa desobediência e precisamos orar com contrição como Neemias (Ne 1). Reconhecemos que temos pecado contra o Senhor ao desobedecer seus mandamentos, estatutos, juízos e testemunhos. Fomos alcançados pelas maldições decorrentes da desobediência a sua vontade, elas se agarraram em nós (Dt 28.15-68). Foi nos proposta a vida e a morte, a bênção e a maldição, mas escolhemos a morte e a maldição (Dt 30.19). É momento de nos arrepender e voltar as primeiras obras (Ap 2.4-5).

Nossos jovens precisam entender que devem florescer onde forem plantados. Que vivem em uma cultura anti Deus. Para o mundo Deus está morto. Mas para nós Ele sempre será o Deus vivo. Esse trabalho contribuirá para alertar líderes, jovens e demais membros de igrejas a entenderem a dimensão do combate ideológico, espiritual e filosófico que temos em nossos dias. Ver que a única maneira de enfrentar essa realidade é se fortalecendo no Senhor, crescendo em graça e conhecimento, tendo uma mentalidade interpretativa moldada pelo Evangelho de Cristo.

O nosso desejo sincero é que este trabalho contribua para glorificar a Deus e fortalecer os servos da aliança. A Ele seja toda a glória hoje e sempre, amém!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A CONFISSÃO de Fé de Westminster. São Paulo: Cultura Cristã, 1997.

CAMPOS, Heber Carlos. **O Habitat Humano, o paraíso criado**. São Paulo: HAGNOS, 2011.

COLSON, Charles; PEARCEY, Nancy. **E Agora Como Viveremos?** Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

CONSTANTINO, Rodrigo. **Pensadores da liberdade**. Barueri: AVIS RARA, 2021.

COSTA, Hermisten Maia. **Introdução à educação cristã**. Brasília: Monergismo, 2013.

\_\_\_\_\_, Hermisten Maia. **Introdução à Cosmovisão Reformada**, um desafio a se viver responsabilmente a fé professada. Goiânia: Cruz, 2017.

CRAMPTON, W. Gary. **The Trinity Review**. Unicoi, Tennessee: 1994.

DAWKINS, Richard Dawkins. **Deus um delírio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

DUMBRELL, William John. **Criação, aliança e trabalho**. Crux, [s. l.], v. 24, n. 3, 1988.

\_\_\_\_\_, William John. **Covenant & Creation: A Theology of the Old Testament Covenants**. Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, 1993.

FRAME, John. **A doutrina do conhecimento de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, São Paulo, 2010.

GOHEEN, Michael W.; BARTTHOLOMEW, Craig G. **Introdução à Cosmovisão Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

GOLDINGAY, John. **Teologia Bíblica: O Deus das escrituras cristãs**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020.

GORMAN, Michael J. **Introdução à Exegese Bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2001.

GREIDANUS, Sidney. **Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento: fundamentos de sermões expositivos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

GRONINGEN, Gerard Van. **Criação e Consumação: o Reino, a Aliança e o Mediador.** São Paulo: Cultura Cristã, 2002. 7 v.

HOEKEMA, Anthony. **Criado à Imagem de Deus.** São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

HOEKSEMA, H. **Reformed Dogmatics.** Grande Rapids, Michigan: Reformed Free Publishing Association, 1976. 3 v.

JUNIOR, Cornelius Plantinga. **O crente no mundo de Deus.** São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

JUNIOR, Heber Campos. **Amando a Deus no mundo: por uma cosmovisão Reformada.** São José dos Campos: Fiel, 2019.

JUNIOR, Walter C. Kaiser. **Missão no Antigo Testamento.** Fortaleza: Peregrino, 2012.

KLINE, Meredith George. Canon e convênio. **The Westminster Theological Journal**, v. 32, n. 2, 1970.

\_\_\_\_\_, Meredith George, **Treaty of the great King**, Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1963.

KELLER, Timothy. **Igreja Centrada.** São Paulo: Vida Nova, 2015.

KUYPER, Abraham. **Calvinismo.** São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

MACKAY, John L. **Oseias.** São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

MOHLER, Albert. **Não podemos nos calar.** São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

NASH, Ronald. **Cosmovisões em Conflito.** Brasília: Monergismo, 2012.

O CATECISMO Maior de Westminster. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

PEARCEY, Nancy. **Verdade Absoluta.** Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

PHILIP, Weber Carl. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1999.

PIPER, John; DAVID, Mathis. **Com Calvino no Teatro de Deus.** São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

\_\_\_\_\_, John. **Uma vida voltada para Deus.** São José dos Campos: Fiel, 2007.



RYKEN, Philip. **Cosmovisão Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

REINKE, André D. **Os outros da Bíblia: história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

SANTOS, Daniel. A plantação da igreja no Éden. **Fides Reformata**, v.19, n 1, 2014.

SCHAIFFER, Francis A. **A igreja no século 21**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

\_\_\_\_\_, Francis A. **Gênesis no Espaço-Tempo**. Brasília: Monergismo, 2014.

SCHREINER, Thomas R. **Aliança e o propósito de Deus para o mundo**. São Paulo: SHEDD.

SIRE, James William. **O Universo ao lado: um catálogo básico sobre cosmovisão**. Brasília: Monergismo, 2009.

STOTT, John. **Os Cristãos e o Desafios Contemporâneos**. Viçosa: Ultimato, 2006.

TAGGAR-COHEN, A. The Hebrew Biblical Bêrit in Light of Ancient Near Eastern Covenants and Treaties. **Canon & Culture**, v. 14, n. 2, 2020.

VAN TIL, Cornelius. **Apologética Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

VOS, Geerhardus. **Teologia Bíblica**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

WALTKE, Bruce K.; FREDERICKS, Cathi J. **Gênesis: Comentário do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

WALTON, J. H. **Covenant, God's Purpose, God's Plan**. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1994.

WOLTERS, Albert M. **A Criação restaurada: base bíblica para uma cosmovisão reformada**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006

YOUNG, E. J. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2012